

***POR UMA EDUCAÇÃO DO POVO  
CATADA PELAS RUAS  
um apanhado de escritos do povo  
e sobre uma educação popular***

**POR UMA EDUCAÇÃO DO POVO  
CATADA PELAS RUAS**

Um apanhado de escritos do povo  
e sobre uma educação popular



**Carlos Rodrigues Brandão**

Editora Abadia Catadora

***Carlos Rodrigues Brandão***

**Nota liminar:** *Esta sequência de escritos inclui alguns artigos e pequenos textos para uso em “diálogos virtuais” e em outros encontros. Não constitui um livro a ser editado, mas a ser livre e solidariamente partilhado, no todo ou entre alguns dos seus escritos. Como outros meus escritos e sequências de textos, não existe aqui qualquer preocupação acadêmica. São escritos dedicados a educadores de movimentos sociais, e a professoras “do chão da escola”. Assim sendo, eles não obedecem a normas da ABNT; alguns deles não possuem bibliografia e outros poderão aparecer em mais de uma sequência. E todos eles podem ser livre e solidariamente partilhados.*



*Este livro é dedicado a todas e as mais diferentes pessoas que catam.*

*Quem catam papel e papelão pelas ruas, tonando que pareci inútil outra vez utilizável.*

*Que catam palavras para dizer o que precisamos ler, compreender e praticar.*

*Que catam pela vida forças e resistências para seguirem na luta por um mundo mais justo, menos desigual e mais livre.*

*Que catam dia e noite as sementes da esperança e as espalham em todas as direções.*



## ***Porque um livro assim***

Este não é um livro como nos acostumamos a pensar “o que é um livro”, principalmente quando se está na universidade.

Ele é um “apanhado de escritos”. É uma pequena coletânea de antigos e novos escritos que fui escrevendo ao longo da vida. Artigos pensados não para “o mundo da academia” (que foi sempre o meu, desde 1961, quando virei estudantes o Rio de Janeiro, e desde 1967, quando em Brasília virei um professor).

O que está escrito aqui são pensamentos, propostas e mensagens dirigidas bem mais a “professoras do chão da escola”, a educadoras de “escolas debaixo da lona preta”, como as dos acampamentos do MST, e também a pessoas que mesmo não sendo “professoras”, são “educadoras junto ao povo” e a elas dedicadas de alguma maneira.

Quando Paulo Freire escreveu o seu livro *Pedagogia do Oprimido*, ele não o dedicou a pessoas do mundo da ciência e da universidade, como é costume em um livro como o dele. Ele dedicou o seu livro “aos esfarrapados da Terra”. E escreveu um livro (e depois vários outros) não apenas com ideias para “ensinar a gente do povo”, como nas escolas tradicionais, mas para formar pessoas do povo capazes de repensarem as suas vidas, as suas condições de vida, e também as razões sociais e políticas pelas quais elas são condenadas a viverem suas vidas e seus destinos em um mundo em que tão poucos, ricos e poderosos, vivem do trabalho sofrido e diário de tantas mulheres e tantos homens.

E, mais do que isto. Um livro sobre como através de uma “outra educação”, mulheres e homens “esfarrapados”, “desempregados”, “subempregados”, “excluídos”, “postos à margem”, entre catadores de papel, camponeses, operários, quilombolas, indígenas e tanta gente mais, poderiam aprender a pensar diferente.

E poderiam aprender a se unir. A criar frentes de resistência, de consciência ativa, devida solidária, e de uma grande luta em nome da criação de “um outro mundo possível”.

Um mundo vivido por pessoas com o direito a serem diferentes, mas livres de serem desiguais. Mulheres e homens capazes de um dia criarem um mundo onde ninguém mais precise dedicar um livro ao “esfarrapados do mundo”.

Porque tanto os senhores do dinheiro e do poder, quanto os oprimidos por eles, simplesmente terão deixado de existir.

*POR UMA EDUCAÇÃO DO POVO CATADA PELAS RUAS* é um apanhado de escritos em nome desta esperança.

Ele foi criado a partir de escritos de agora e de outros tempos, e reunidos para serem lidos desde agora, em 2021, quando em um dos mais tristes anos aqui no Brasil e no Mundo, estamos também celebrando a memória dos “100 anos de Paulo Freire”.

E ele é dedicado a quem o leia, em nome de uma palavra entre todas. A palavra “esperança”, que me tem alimentado e a tantas pessoas, que bem sabem que sempre, “depois da escuridão vem a luz”. Mas uma luz que somente voltará a brilhar se nós a soubermos acender.

E junto o primeiro escrito deste livro não foi escrito por. Ele é uma reunião de escritos breves de outras pessoas, mulheres e homens aqui do Brasil e do Mundo. E é um escrito sobre a... Esperança.

*Campinas, 21 de abril de 2021*  
*Carlos Rodrigues Brandão*  
*entre e a pandemia e a esperança*



## ***O que se pode ler aqui***

### ***Porque um livro assim – introdução***

***Manter a Esperança*** - Um conjunto de pequenas mensagens para serem lidas em tempos de pandemia e pandemônio

***Ciço, o que é a Educação?*** – o que um camponês do Sul de Minas falou sobre a educação

***A educação popular*** - alguns fundamentos

***Alguns fundamentos humanistas de uma educação fundada no legado de Paulo Freire***

***Algumas ideias de vocação freireana*** - e alguns princípios para pensar uma educação destinada a formar pessoas para a vida social ao invés de apenas instrumentalizar indivíduos para o mercado

***Educar para a liberdade*** - educar pessoas construtoras da liberdade

***Alguns princípios como fundamentos da educação popular***

***Alguns passos em direção a uma outra educação***

***Verbetes do Dicionário Paulo Freire*** – cultura, cultura popular, círculo de cultura

***A vocação de educar*** - algumas palavras sobre o exercício da educação

***Carta às crianças e outras pessoas indígenas da Bahia e do Espírito Santo***

***Somos todos aprendizes, estamos sempre aprendendo***

***Paulo Freire, esse incrível!***

## ***Manter a Esperança!***

### ***Um conjunto de pequenas mensagens para serem lidas em tempos de pandemia e pandemônio***

Saibamos trocar o verbo passivo “esperar”, pelo verbo ativo “esperançar”.

Em todas as partes e a todo o momento ouvimos e vemos pessoas dizendo de diferentes maneiras que “estamos vivendo um tempo escuro”; “estamos atravessando um tempo de tão poucas esperanças!”

E é sobre isso quero lembrar algo. Apenas, desta vez, o que trago como uma mensagem não são palavras minhas.

Preferi escolher alguns escritos de outras pessoas. E em todas elas, com acentos e e palavras semelhantes ou diferentes, trago algo de resistência, de resiliência, de coragem e de esperança.

Que a primeira lembrança seja de um antropólogo, e também um educador: Darcy Ribeiro.

Antes de nos deixar ele escreveu isto:

*Sou um homem de Causas. Vivi sempre pregando, lutando, como um cruzado, por causas que me comovem. São muitas, demasiadas: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária... Na verdade, somei mais fracassos que vitórias nas minhas lutas. Mas isso não importa. Seria horrível ter estado ao lado dos que se venderam nessas batalhas.*

Outra mensagem é mais recente. Ela é de um sociólogo, um militante europeu de causas sociais, e uma homem de grande presença aqui na América Latina. Um alguém que, “vindo do Norte”, pensa o mundo a partir das “Cartografias do Sul”, ou seja, as nossas.

Na “*Nona carta às Esquerdas*”, de seu livro: *Trece cartas a las izquierdas*, Boaventura de Souza Santos escreveu isto no último parágrafo, na página 80 do livro.

*Esperar sem esperança é a maior maldição que pode cair sobre um povo. E a esperança não se inventa: ela se constrói com inconformismo, rebeldia competente e alternativas reais frente à situação presente.*

Eis agora um breve e sábio pensamento do líder sul-africano, Nelson Mandela.

*Tudo é impossível. Até começar a acontecer!*

Quero lembrar também Jean-Paul Sartre, um pensador de quem li poucas coisas, mas aprendi do que li. Sartre morreu em abril de 1980 e, quarenta anos depois eu quero recordá-lo agora, em 2020. Em uma última entrevista, publicada em Português pelo jornal *O Estado de São Paulo*, ele disse isto que eu transcrevo aqui.

*O mundo parece feio, mau e sem esperança. Esse seria o desespero de um velho que já morreu dentro de nós. Mas eu resisto, e sei que morrerei de esperança, dentro da esperança. Mas essa esperança, teremos que fundá-la. É preciso tentar explicar por que é que o mundo de agora, que é horrível, não passa de um momento no longo desenvolvimento histórico; e que a esperança foi sempre uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições, e como sinto ainda, a esperança, como a minha concepção do futuro. (Está em: O Estado de São Paulo, 18 de abril de 1980, página 21).*

Jean-Paul Sartre escreveu também esta passagem que transcrevo aqui.

*O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele faz daquilo que fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele faz é a sua própria história, a superação real destas estruturas numa práxis totalizadora.*

Algo que Eduardo Galeano traduziu com estas palavras:

*Nossa autêntica identidade coletiva nasce do passado e se nutre dele – pegadas sobre as quais caminham nossos pés, passos que representem nossas andanças de agora – mas não cristaliza na nostalgia. Somos o que fazemos, e, sobretudo o que fazemos para mudar o que somos: nossa identidade reside na ação e na luta. Por isso a revelação do que somos implica na denúncia do que nos impede de ser o que podemos ser.*

Uma breve passagem de Rubem Alves:

*(Uma) questão, às vezes, me é dirigida da seguinte forma: “Você tem esperança?” – especialmente quando se trata de educação ou de ecologia, digo o seguinte: “há muito tempo que não me faço esta pergunta: se tenho esperança ou não de que as coisas deem certo”. Encontro a minha alegria em realizar a sementeira. O ato de semear, em si mesmo, é um ato de alegria. Isso me basta.*

E, ainda fiquemos com um poema de Otávio Paz:

*A alegria amadurece como um fruto  
O fruto amadurece até ser sol  
O sol amadurece até ser homem  
O homem amadurece até ser astro  
Nunca a luz repartiu-se em tantas luzes,  
As árvores, as ruas, as montanhas  
Água terra e sol são um só corpo  
A hora e o seu sino se dissolvem  
As pedras as paisagens se evaporam  
Todos se foram sem voltar o rosto  
E ardemos, e não deixamos rastro.*



De Clarisse Lispector, de quem celebramos os seus “100 anos de vida”, eu trago uma última mensagem de esperança. Algo que deve estar vivo e presente em quem abriu as velas de seu barco... e partiu.

*Ao soar dos seres e das coisas,  
que deus abrisse seu coração,  
que lhe permitisse olhar para dentro de si,  
e o medo expulso,  
pudesse enfim dizer à morte, vivi!*

E nunca esquecer o *inédito viável* de Paulo Freire que escreveu:

*Enquanto eu luto eu sou movido pela esperança!*

Eis aí. Algumas pessoas se foram em 2020, com a pandemia, ou por meio de outras formas de partir. Ficamos nós.

Ficamos nós!

Fiquemos no fervor da vida;  
na presença solidária;  
no trabalho de cada dia;  
na ação de cada hora;  
na luta inevitável;  
na esperança inabalável.



**“Ciço, o que é a educação?”  
O que um camponês do Sul de Minas  
falou sobre a educação**

*Antônio Cícero de Sousa*

Antônio Cícero de Sousa foi um camponês, lavrador de sítio pequenino na estrada entre Andradas e Caldas, no sul de Minas Gerais. Ele era também chamado por parentes e amigos de Antônio Ciço, Tonho Ciço e, ainda, Ciço. Eu o encontrei em uma pesquisa sobre Folia de Santos Reis.

Em um intervalo do “cantório”, eu vi perto de mim, assistindo, como eu, e puxei conversa com ele. E de “Folia de Santos Reis” a nossa conversa de “beira de estrada” derivou para o aprendizado das “pessoas da roça”. E o que deveria ser uma conversa fiada pra logo se esquecer, virou para mim em uma das mais sábias lições sobre a vida e a educação. E tudo começou quando eu perguntei a ele: “Como é que o povo daqui aprende?” E mais adiante fiz pra ele esta outra pergunta: E Ciço, o que é educação”.

Mais tarde coloquei as falas dele em nossa conversa como prefácio de um livro escrito pro várias e vários educadores, com este nome: *A questão política da dedução popular*. O livro ficou famoso e teve várias edições. Muita gente encontrou nele vários escritos muito importantes, justamente nos anos em que começávamos a “sair da ditadura militar”.

E houve gente que veio me dizer que de todos os escritos de “gente da universidade”, o mais forte e impactante era o de um camponês chamado... Ciço.

Eis como ele me respondeu.

*...Agora, o senhor chega e pergunta: “Ciço, o que é educação?” Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: “Educação”; daí eu falo: “educação”. A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: “Educação”. Mas então eu pergunto pro senhor: “E a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?” Aí eu digo: “Não”. Eu digo pro senhor desse jeito: “Não, não é”. Eu penso que não.*

*Educação... quando o senhor chega e diz “educação”, vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala vem dum outro lugar, de um outro mundo. Vem dum fundo de oco que é o lugar da vida dum pobre, como tem gente que diz. Comparação, no seu essa palavra vem junto com quê? Com escola, não vem? Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado; livro novo, bom, caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser. Um estudo que cresce e que vai muito longe de um saberzinho só de alfabeto, uma conta aqui e outra ali. Do seu mundo vem um estudo de escola que muda gente em doutor. É fato? Penso que é, mas eu penso de longe, porque eu nunca vi isso por aqui.*

*Então quando o senhor vem e fala a pronúncia “educação”, na sua educação tem disso. Quando o senhor fala a palavra conforme eu sei pronunciar também, ela vem misturada no pensamento com isso tudo; recursos que no seu mundo tem. Uma coisa assim como aquilo que a gente conversava outro dia, lembra? Dos evangelhos: “Semente que caiu na terra boa e deu fruto bom”. (...)*

*Quando eu falo o pensamento vem dum outro mundo. Um que pode até ser vizinho do seu, vizinho assim, de confrontante, mas não é o mesmo. A escolinha cai-não-cai ali num canto da roça, a professorinha dali mesmo, os recursos tudo como é o resto da regra de pobre. Estudo? Um ano, dois nem três. Comigo não foi nem três. Então eu digo “educação” e penso “enxada”, o que foi pra mim.*

*Porque é assim desse jeito que eu queria explicar pro senhor. Tem uma educação que vira o destino do homem, não vira? Ele entra ali com um destino e sai com outro. Quem fez? Estudo, foi estudo regular: um saber completo. Ele entra dum tamanho e sai do outro. Parece que essa educação que foi a sua tem uma força que tá nela e não tá. Como é que um menino como eu fui mudar num doutor, num professor, num sujeito de muita valia?*

*Agora, se eu quero lembrar da minha: “enxada”. Se eu quero lembrar: “trabalho”. E eu hoje só dou conta de um lembrarzinho: a escolinha, um ano, dois, um caderninho, um livro, cartilha? Eu nem sei, eu não lembro. Aquilo de um bê-á-bá, de um alfabetozinho. Deu pra aprender? Não deu. Deu pra saber escrever um nome, pra ler uma letrinha, outra. Foi só. O senhor sabe? Muito companheiro meu na roça, na cidade mesmo, não teve nem isso. A gente vê velho ai pra esses fundos que não sabe separar um A dum B. Gente que pega dum lápis e desenha o nome dele lá naquela dificuldade, naquele sofrimento. Mão que foi feita pro cabo da enxada acha a caneta muito pesada e que não teve prazo dum estudozinho regular quando era menino, de velho é que não aprende mais, aprende? Pra quê? Porque eu vou dizer uma coisa pro senhor: pra quem é como esse povo de roça o estudo de escola é de pouca valia, porque o estudo é pouco e não serve pra fazer da gente um melhor. Serve só pra gente seguir sendo como era, com um pouquinho de leitura. (...)*

*O senhor faz pergunta com um jeito de quem sabe já a resposta. Mas eu explico assim. A educação que chega pro senhor é a sua, da sua gente, é pros usos do seu mundo. Agora, a minha educação é a sua. Ela tem o saber da sua gente e ela serve e ela serve pra que mundo? Não é assim mesmo? A professora da escola dos seus meninos pode até ser uma vizinha sua, uma parente, até uma irmã, não pode? Agora, e a dos meus meninos? Porque mesmo essa escolinha da roça, de beira de caminho, conforme é a deles, mesmo quando a professorinha é uma gente daqui, o saber dela, o saberzinho dos meninos não é. Os livros, eu digo, as ideias que tem ali. Menino aqui aprende na ilusão dos pais; aquela ilusão de mudar com estudo, um dia. Mas acaba saindo como eu, como tantos, com umas continhas, uma leitura. Isso ninguém vai dizer que não é bom, vai? Mas pra nós é uma coisa que ajuda e não desenvolve.*

Então, “educação”. É por isso que eu lhe digo que a sua é a sua e a minha é a sua. Só que a sua lhe fez. E a minha? Que a gente aprende mesmo, pros usos da roça, é na roça. É ali mesmo: um filho com o pai, uma filha com a mãe, com uma avó. Os meninos vendo os mais velhos trabalhando.

Inda ontem o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: “Ciço, como é que um menino aprende o cantorio? As respostas?” Pois o senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro, acompanha o pai, um tio. Olha, aprende. Tem inclinação prum cantorio? Prum instrumento? Canta, tá aprendendo; pega, toca, tá aprendendo. Toca um caixa (tambor da Folia de Reis), tá aprendendo a caixa; faz um “tipe” (tipo de voz do cantorio), tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido.

Agora, nisso tudo tem uma educação dentro, não tem? Pode não Ter um estudo. Um tipo de estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola; não tem um professor assim na frente, com o nome “professor”. Não tem... Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido.

Quem que vai chamar isso aí de uma educação? Um tipo dum ensino esparramado, coisa de sertão. Mas tem. Não tem? Não sei. Podia ser que tivesse mais, por exemplo, na hora que um mais velho chama um menino, um filho. Chama num canto, fala, dá um conselho, fala sério um assunto: assim, assim. Aí pode. Ele é um pai, um padrinho, um mais velho. Na hora ele representa como de um professor, até mesmo como um padre. Tem um saber que é falado ali naquela hora. Não tem um estudo, mas tem um saber. O menino baixa a cabeça, daí ele escuta; aprendeu, às vezes não esquece mais nunca.

Então vem um e pergunta assim: “Ô Ciço, o Antônio Ciço, seus meninos tão recebendo educação?” Que seja um padre, que seja o senhor. Eu respondo: “Homem, uma eles tão. Em casa eles tão, que a gente nunca deixa de educar um filho conforme os costumes. Mas educação de estudo, fora os dois menorzinhos, eles tão também, que eles tão na escola”. Então quer dizer que é assim: tem uma educação – que eu nem sei como é o nome que ela tem – que existe dentro do mundo da roça, entre nós. Agora, tem uma – essa é que se chama mesmo “educação” – que tem na escola. Essa que eu digo que é sua. É a educação que eu digo: “de estudo”, de escola; professora, professorinha, coisa e tal. Daqui, mas de lá.

A gente manda os meninos pra escola. Quem é que não manda? Só mesmo um sujeito muito atrasado. Um que muda daqui pra lá a toda hora. Um outro que mora aí, pros fundos de um sertão, longe de tudo. A gente manda, todo mundo por aqui manda menino pro estudo. É longe, o senhor viu, mas manda. Podiam tá na roça com o pai, mas tão na escola. Mas quem é pobre e vive nessa descrença de trabalhar dum tanto, a gente crê e descrê. Menino desses pode crescer aí sem um estudinho que seja, da escola? Não

*pode. Eu digo pro senhor, não pode. O meu saberzinho que já é muito pouco, veio de aprender com os antigos, mais que da escola; veio a poder de assunto, mais do que de estudo regular. Finado meu pai já dizia assim. Mas pra esses meninos, quem sabe o que espera? Vai ter vida na roça pra eles todo o tempo? Tá parecendo que não. E, me diga, quem é quem na cidade sem um saberzinho de estudo? Se bem que a gente fica pensando: “O que é que a escola ensina, meu Deus?” Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é. (...)*

*Agora, o senhor chega e diz: “Ciço, é uma educação dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?” Esse eu queria ver explicado. O senhor la: “Eu tô falando duma educação pro povo mesmo, um tipo duma educação dele, assim, assim”. Essa eu queria saber como é. Tem? Ai o senhor diz que isso bem podia ser feito: tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo. Daí, eu pergunto: “Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem? (...)*

*Se um tipo desse duma educação assim pudesse ter aqui, como a gente estamos conversando, com adultos, os velhos, até as mulheres conforme foi dito, assim num acordo, num outro tipo de união com o povo todo daí desses cantos sentindo deles, coisa de como uma coisa que é nossa também, que então juntasse idéias de todos, professor, nós num assunto assim, assim, então o senhor havia de ver que o povo daqui tem mais de muita coisa do que a gente pensa.*

*Mas é que dessa maneira que o senhor fala é difícil de compreender. Não que é difícil, veja, a gente até imagina. Se eu conto prum compadre meu: “olha, podia ser assim, podia ser de um jeito assim”, ele imaginava. Um outro, um vizinho, um companheiro, sabe como é? Porque lá na cidade gente dá conta de uns estudos assim, de alfabeto pra gente graúda, pra velho até. Se conta, parece que não funcionou não.*

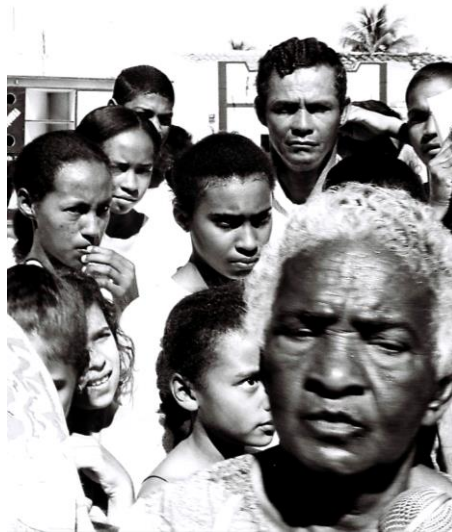
*Agora, o senhor chega e diz que até podia ser diferente, num jeito assim? Que não é só pra ensinar aquele ensininho apressado, pra ver se velho aprende o que menino não aprendeu. Então que podia ser um tipo duma educação até fora da escola, sala. Que faz assim dum jeito misturado com o-de-todo-dia da vida da gente daqui. Que podia ser um modo desses de juntar saber com saber, clarear os assuntos que a gente sente, mas não sabe. Isso? (...)*

*Quer dizer, eu entendo assim: fazer dum jeito que ajuda o peão pensar como anda a vida por aqui, porque que é assim, assim. Dum jeito que o povo se une numa espécie de mutirão – o senhor sabe como é? – pra um outro uso. Pra lutar pelo direito deles – trabalhador. Digo, de um tipo de reunir, pensar juntos, defender o que é seu, pelo que devia ser, Exemplo assim, como a gente falava, de começar pelas coisas que o povo já sabe, já faz de seu: as idéias, os assuntos.*

*Eu entendo pouco de tudo isso, não aprendi, mas ponho fé e vou lhe dizer mais, professor – como é que eu devo chamar o senhor? – eu penso que muita gente vinha ajudar, desde que a gente tivesse como acreditar que era*

*uma coisa que tivesse valia mesmo. Uma que a gente junto pudesse fazer e tirar todo o proveito. Pra toda gente saber de novo o que já sabe, mas pensa que não. Parece que nisso tem segredo que a escola não conhece.*

*Como o senhor mesmo disse o nome: “educação popular”, quer dizer, dum jeito que pudesse juntar o saberzinho da gente, que é pouco, mas não é, eu lhe garanto, e ensinar o nome das coisas que é preciso pronunciar pra mudar os poderes. Então era bom. Então era. O povo vinha. Vinha mesmo e havia de aprender. E esse, quem sabe? É o saber que tá faltando pro povo saber?*



## ***A educação popular***

## ***alguns fundamentos***

1. Em uma forma plena e integral de Educação Popular não existem professores versus alunos e nem professores e alunos. Todos os participantes são ensinantes que aprendem ou aprendentes que ensinam. Ou todos são educadores que aprendem e educandos que ensinam.
2. Assim sendo, esta é uma educação em que não se vende, empresta, cede o saber que outros comprem, aceitam, acolhem passivamente. É uma educação fundada em algo mais do que o diálogo. Fundada na reciprocidade, na troca, no intercâmbio de/entre pessoas diferenciadas no que vivem, relembram, sabem e trocam, mas nunca desigualada nem através disto e nem através de outro qualquer critério de valor.
3. Uma *educação popular* possui no diálogo o seu ponto de partida e também o de chegada. O diálogo não é apenas uma metodologia de ensino e nem é uma meta abstrata entre outros. O diálogo entre-nós é o fundamento dela, e a substância de todo o seu processo e é o seu objetivo essencial. Mais do que ensinar a aprender informações, conhecimentos e saberes, esta modalidade de educação pretende criar condições para que o meu-saber se transforme num saber compartilhado entre-nós.
4. Sabemos e compreendemos algo que aprendemos-a-saber-e-a-compreender não quando individual e a-dialogicamente “sabemos mais do que sabíamos antes” e, menos ainda, quando coletivamente “sabemos agora mais do que os outros”. Ao contrário, aprendemos e compreendemos mais quando alargamos a nossa partilha no círculo dos que sabem-e-compreendem. De um modo ou de outro, a partilha solidária também no saber é o critério substantivo de todo o ato de aprender-a-saber. “Compreendemos quando fazemos parte do círculo dos que compreendem”.
5. Isto acontece porque, tal como ocorre na intimidade da *economia solidária*, pensamos uma educação que, de semelhante maneira “vale como valor” e se realiza como dom, troca, partilha, e não vale como comércio, como posse, ganho ou lucro. “Vale como valor” tem aqui um duplo sentido: a) qualquer pessoa dela participante possui em si o seu próprio valor não comparável com outros e, por isso, é de pleno sentido um sujeito-de-sua-educação (da educação de que ele partilha construtivamente e não apenas acolhe objetiva e acumulativamente o que lhe é transmitido; d) qualquer saber inter-trocado, partilhado nesta educação vale por si-mesmo.
6. Este é o sentido em que tudo aquilo que de maneira crescente torna-se um valor e um fundamento da educação colonizada pela sensibilidade (o que se

deseja), a lógica (o que se pensa) e a prática (o que se faz de fato) do capital neoliberal, torna-se aqui um contra-valor.

7. Assim: a competição de tudo entre todos; a competitividade como algo a aprender e “conquistar”; a superficialidade instrumental (o domínio da informação pragmática sobre o saber consciente, crítico e pessoal e interativamente criativo); a pura e simples competência dirigida à realização de tarefas práticas e produtivas; a hierarquização de pessoas e a desigual valorização de saberes de acordo com escalas “empacotadas” de critérios; a ranquicização de categorias de pessoas de acordo com a sua “posição” em tais escalas.
8. A *partilha solidária* de vivências, saberes, sentidos, significados, sensibilidades e sociabilidades o gesto fundador desta educação. O *diálogo e a abertura partilhada do aprender-a-saber-dialogar* são, mais do que uma metodologia de trabalho na sua porta de entrada, o seu próprio horizonte (nunca plenamente alcançável), a sua própria finalidade. A idéia e a prática de *reciprocidade* configuram o seu contexto de realização. Todo o saber do acontecer de uma educação popular é uma experiência de *reciprocidade*. Todo o saber que circula e com o qual se ensina e aprende não é uma propriedade de quem sabe, não é uma posse. É um bem de troca, logo, é um dom reciprocidades.
9. Construir saberes, aprender e saber é, portanto, sempre uma experiência entre-nós. A aquisição da informação pode ser solitária. O aprendizado de um conhecimento é um diálogo entre eu e um outro (como o diálogo com o autor cujo livro eu leio). O aprendizado do saber é sempre uma atividade vivida como diálogo entre-nós. Não sendo posse de qualquer pessoa, o saber (da sabedoria) flui entre todos.
10. Em lugar de turmas de alunos ensinados por professores, dispostos em salas de aulas cuja geografia sugere a sua hierarquia, uma *educação popular comunitária* se realiza através de unidades cooperativas de saber ou, melhor ainda, daquilo que gosto de chamar de *comunidades aprendente*.
11. No interior de uma comunidade aprendente todo o processo de uma *educação popular comunitária* é regido por uma horizontalidade de participantes igualados em suas diferenças. Ela parte, repito, do princípio – inclusive hoje antropologicamente indiscutível - de que qualquer pessoa é uma fonte única e irreversível de seu próprio saber-de-vida. Todas as modalidades de saber são equivalentes enquanto valor e são válidas através de suas diferenças. E “lá onde todo mundo está pensando a mesma coisa ninguém está pensando coisa alguma”.



12. Uma presente e ousada nova antropologia parte do princípio de que tal como em nossas culturas (“civilizadas”, “eruditas”, “acadêmicas” “letradas”) existem sabedores especializados e hierarquicamente constituídos até esferas autoproclamadas de “doutores” e até de “pós-doutores” (e o que vem depois?), de igual maneira, até mesmo em uma comunidade indígena existem, no interior de suas culturas, sujeitos com modos e graus de conhecimento diferenciadamente equivalentes aos nossos mais graduados conhecimentos, em sua escala própria. Aquele que durante muito tempo constituímos como “objetivos de pesquisa” e que, tempos mais tarde, resolvemos promover a “sujeitos de minha pesquisa”, com justa razão podem e devem hoje ser considerados como iguais sabedores, especialistas, mestres, doutores e sábios. Temos a “nossa ciência” e “eles” as “deles”. E a sabedoria é algo que, assim como a maturidade, transcende escalas intra-culturais e inter-culturais.
13. As mais diversas circunstâncias da vida e do destino de uma pessoa, de um pequeno grupo ou de uma comunidade são, em si-mesmas, fontes e repertórios de saberes essenciais. O que se vive em uma situação educacional formal complementa estes saberes, dialoga com eles e não os desqualifica e nem trabalha no sentido de os substituir por outros saberes. Em cada pessoa ou grupo cultural o que se aprende na educação popular comunitária, como uma troca, uma reciprocidade e um diálogo, deve resultar em uma progressiva integração entre os saberes-de-vida e os saberes-de-escola.
14. Aprender a saber começa por partilhar de maneira ativa e proveitosa da construção coletiva do saber que pessoalmente se aprende. (Assim como na “vida afetiva dos grupos”, pensar em uma vida aprendente da comunidade de construção e partilha de saberes. O grupo cria os saberes a partir dos quais cada um vive a interiorização pessoal de seu quinhão de saber. Participando de uma comunidade aprendente, colocamos o que trazemos como nossa experiência pessoal de saber e “retiramos” de um todo partilhado a nossa parte individual daquilo que cada um de nós, como um entre-nós, adquire e aprende.
15. Aprender a saber é transformar-se. Ser mais si-mesmo igual e diverso, por efeito da vivência do processo de criar saberes e através do que o aprendido transforma o que eu sei e, assim, transforma quem eu sou. Sendo uma pessoa que ao aprender se transforma, eu me transformo em um agente de transformações.
16. Assim sendo, a razão de ser da educação popular comunitária é formar pessoas reciprocamente transformadas, para se constituírem como agentes solidários de transformação de suas vidas, de seus destinos e de seus mundos de vida.

17. Se transformarmos tudo o que foi sintetizado nas linhas acima, a partir do pensamento original de Paulo Freire, poderemos em frases simples e de poucas palavras que a educação popular aspira que cada pessoa dialogicamente saiba:

*Aprender o seu saber*  
*Pensar com a sua mente*  
*Transformar a mente que pensa*  
*Partilhar com outros o que aprende e sabe*  
*Assumir o seu destino*  
*Somar-se aos seus outros*  
*Transformar o seu mundo*  
*Fundar a sua liberdade*  
*Dizer a sua palavra*  
*Escrever a sua história*



***Alguns fundamentos humanistas  
de uma educação fundada no legado de Paulo Freire***

Existem pontos de fundamento da educação popular de vocação freireana? Penso que sim, e penso que elas poderiam ser resumidas assim:

\* Somos, como seres humanos, inevitavelmente inacabáveis e imperfeitos. Mas somos também permanente e crescentemente aperfeiçoáveis e “acabáveis”. Somos seres destinados a “aprender a saber”; e a saber não apenas para acumular conhecimentos (a visão da “educação bancária” que Paulo Freire criticará fortemente), mas para progressivamente vivermos um crescendo de conhecimento transformado em consciência. E consciência transformada em projetos de vida e em ações sociais de vocação libertadora, emancipadora, decolonizadora. Humanizadora, enfim.

\* Cada *pessoa* é uma fonte original e única de uma forma própria de saber. Assim sendo, qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor único em-si-mesmo, por realizar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha na vida social.

\* Assim também cada *cultura* representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou de várias comunidades sociais. Cada cultura só se explica de seu interior para fora, e os seus componentes “vivos-e-pensados” devem ser o fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social. Tal como pessoas em sua individualidade, culturas são diferentes, mas nunca desiguais. E é a sua diferenciada existência o que permite o diálogo.

\* Ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho, embora pessoas possam aprender e se instruir em algo por conta própria. Na qualidade de seres humanos, as pessoas educam-se umas às outras, e mutuamente se ensinam-e-aprendem através de um diálogo mediatizado por mundos de vivência e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades de vida e de destino.

\* Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: “ser alfabetizado” ou “ser educado”) significam algo mais do que apenas aprender a ler palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais. Significam aprender a ler crítica e criativamente “o seu próprio mundo”. Significam aprender, a partir de um *processo dialógico* em que importa mais o próprio acontecer partilhado e participativo do processo, do que os conteúdos com que se trabalha a:

Tomar *consciência de si-mesmo* (quem de fato e de verdade sou eu, e qual o valor de ser-quem-sou?);

Tomar *consciência do outro* (quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? em que situações e posições nós nos relacionamos? e o eu isto significa?);

Tomar *consciência do mundo* (o que é o mundo em que vivo? Como ele foi e segue sendo socialmente construído para haver-se tornado assim como é agora? O que nós podemos e devemos fazer para transformá-lo).

\* Ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho, embora pessoas possam aprender e se instruir em algo por conta própria. As pessoas, como seres humanos, educam-se umas às outras e mutuamente se ensinam-e-aprendem, através de um diálogo mediatizado por mundos de vivência e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades diferentes, mas nunca desiguais.

\* Assim, não existem educadores individuais ou coletivos (como “o Partido”). Do mesmo modo como não é possível pensar ciências da natureza e da história pré-estabelecidas e pedagogicamente passíveis de serem ortodoxamente tomadas como ponto de partida exclusivo de qualquer docência.

\* Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: “ser alfabetizado” ou “ser educado”) significa algo mais do que apenas aprender a ler palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais. Significa aprender a ler, crítica e criativamente, “o seu próprio mundo”.

\* Significa aprender, a partir de um processo dialógico em que importa mais o próprio acontecer partilhado e participativo do processo, do que os conteúdos com que se trabalha:

\* A tomar consciência de Si-Mesmo (quem de fato e de verdade sou eu? Qual o valor de ser-quem-sou?);

Tomar consciência do Outro (quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? Em que situações e posições nós nos relacionamos? E o que isto significa?) e tomar consciência do mundo: o que é o mundo em que vivo? Como ele foi e segue sendo socialmente construído para haver-se tornado assim como é agora? E o que nós podemos e devemos fazer para transformá-lo em um mundo mais verdadeiramente humano, mais solidariamente compartilhado, mais radicalmente inclusivo, justo, equitativo, redutor ao extremo das desigualdades sociais e aberto às diferenças culturais e todas as outras humanamente justas diferenças.

***Algumas ideias de vocação freireana  
e alguns princípios  
para pensar uma educação destinada a formar pessoas para a vida  
social ao invés de apenas instrumentalizar  
indivíduos para o mercado***

***primeira***

*Tornar o saber e a criação do saber como o valor fundador da experiência humana.*

Criar saberes, conhecimentos, valores, reconstruir saberes não é em nós, pessoas humanas, algo instrumental posto “a serviço de”. Não é algo utilitário, “para o uso de” qualquer tipo de experiência situada aquém ou além da comunicação de sentidos, de significados, de sensibilidades e de partilha de sociabilidades. Isto é: de interações autônomas e significativas entre atores culturais voltados à construção de cenários de vida e de momentos de diálogos fecundos entre a pessoa e ela mesma, entre pessoas que se ensinam e aprendam e entre as pessoas humanas e os seus símbolos, e os seus mundos.

***segunda***

*Deslocar o eixo de uma “educação para trabalho”, uma “educação para o desenvolvimento”, uma “educação para a vida” para o eixo de uma “educação em”. Assim, tornar a educação a razão de ser de si mesma, tornando o aprender-a-saber-criar-saberes o motivo do ofício de ensinar.*

O passado foi ontem, mas o futuro é agora. Não nascemos “para”, embora devamos ser sujeitos incuravelmente voltados ao desejo da construção de utopias.

Reitero o que acabei de sugerir linhas acima e complemento a idéia, de modo a torna-la ainda mais próxima da educação, na qual ela deverá desaguar. Nascemos, quaisquer pessoas que sejamos, em qualquer condição social, cultural, étnica, de gênero, ou derivada de qualquer escolha ou qualquer vocação, destinados a criarmos e a recriarmos, imperfeita, incompleta e infinitamente, os nossos próprios conhecimentos e os saberes de nossas partilhas ao longo de nossas vidas. Somos destinados a construirmos os nossos mundos de saber e de viver - de com-saber e de com-viver, melhor ainda – para neles compartilharmos a interação e o diálogo, múltiplas e diferenciadas unidades das escolhas culturais do exercício do aprender-e-ensinar. A escola é uma delas.

Nascemos convocados a vivermos entre situações de procura interativa e amorosa da felicidade, através da busca pessoal e solidária de construção de si-mesmo e do outro. Algo que estamos e estaremos realizando como seres da pergunta sempre renovada e da pesquisa sempre inacabada. Uma múltipla pergunta ao mesmo tempo emotiva, racional, ética, estética, intelectual, ativa, existencial, interativa e, no

limite, até instrumental, e dirigida a respostas sempre provisórias e, se possível, sempre provocadoras de novas e mais complexas outras perguntas.

### **Terceira**

*Re-centrar a educação no desenvolvimento humano e, não, no desenvolvimento econômico.*

No desdobramento do “dilema grego” o que nos tem acompanhado até aqui são dois modelos postos como dois paradigmas de propostas de educação. De uma maneira afortunada as ideias de base e as sugestões de prática política e também pedagógica foram recentemente colocadas por escrito e pretenderam ser dirigidas à “comunidade internacional” dos agentes da política e dos educadores. São documentos bem conhecidos e as críticas, sobretudo ao primeiro deles, também. Se os lembro aqui, como de resto andei fazendo em vários outros momentos, é porque, escritos e dados a conhecer entre meados e o final dos anos 90 – do século e do milênio passados, portanto – eles pretendem pensar os fundamentos de uma educação do futuro próximo. Nada menos do que isto.

### **Quarta**

*Criar e consolidar uma educação dirigida ao diálogo; uma educação destinada ao aprender a conviver em círculos mais amplos e abertos de comunicação através do saber e do aprender.*

Muito embora esta idéia possa parecer muito romântica, ela deveria ser tomada como um outro fundamento de uma educação cidadã. E ela é o desdobramento direto do que foi pensado até aqui. É importante descobrir alternativas para devolver o trabalho de ensinar-e-aprender ao primado de uma gratuidade devotada ao desenvolvimento humano, e interessada de fato na qualidade das verdadeiras interações entre as pessoas e, através da consciência de seus gestos, na própria democratização do que afinal mais importa na vida: o direito a ser feliz.

Ao me somar a tantas educadoras e a tantos educadores que propõem a quebra do domínio da razão instrumental sobre o exercício do criar saberes e do construir situações de partilha do trabalho de aprender, quero estar atento a que isto não deságue em uma espécie de direito individualista a uma mera acumulação de conhecimentos. O aprender é inesgotável, mas o saber aprendido não se acumula. Não pode ser acumulado como a conta de um banco por não ser equivalente a um bem de finanças espirituais ou intelectuais que porventura possa ser estocado.

### **Quinta**

*Estender a educação como um projeto “por toda a vida”. Pensar em uma educação que, de ciclo a ciclo do desenvolvimento humano, o acompanhe ao longo de toda a existência segundo a escolha de cada pessoa-que-aprende.*

Durante muito tempo estivemos presos à idéia de que há um breve tempo de vida dedicado ao estudo, para que quase todo o “resto” útil dela seja devotado ao trabalho produtivo. E se isto parecia ser verdadeiro para a pequena fração das mulheres (em muito menos proporção, até muito pouco tempo atrás) e dos homens que puderam chegar até o nível dos “estudos superiores”, parecia valer mais ainda para a imensa maioria das crianças e dos jovens cujo destino social foi o de nenhuma escolaridade, ou alguma coisa entre três e cinco anos nos bancos de um “grupo escolar”.

Nada mais falso, nada mais inventado. As relações entre educação-e-trabalho precisam ser invertidas. É o trabalho produtivo quem deveria ocupar uma fração de nossas vidas. E é o ofício da busca do saber quem deveria nos acompanhar ao longo de toda a vida. Não somos seres programados por uma perversa genética iludida, destinados a “aprender para o trabalho” ou “para a vida”, durante um breve lapso de tempo anterior à “maturidade”. Sendo a “maturidade” entendida como o tempo depois de quando se aprendeu “o bastante para saber trabalhar e saber viver” e já não se precisa mais nem de escola e nem de estudos.

Ao contrário, podemos e devemos estar sempre em busca do autoconhecimento. Em busca da experiência da intercomunicação à volta da experiência sem-fim da descoberta do conhecimento e da aprendizagem. Somos seres sempre mutáveis, sempre aperfeiçoáveis, inclusive quando idosos, inclusive quando “já aposentados”. Somos passíveis de sermos sempre melhores do que fomos, mais esclarecidos, mais libertados de nós mesmos e do que não é verdadeiro e criativo em nossas culturas. E elas são tão imperfeitas quanto nós, tão interativamente aperfeiçoáveis quanto nós mesmos.

### **Sexta**

*Uma educação de vocação cidadã é uma educação política. É uma educação destinada a formar pessoas capazes de viverem a busca da realização plena de seus direitos humanos no mesmo processo de consciência crítica e de prática reflexiva com que se sentem convocadas ao dever cidadão de participarem de maneira ativa da construção dos mundos de sociedade e cultura de suas vidas cotidianas.*

Cidadão é quem aprende fazendo-se a si-mesmo, para fazer-se um co-criador do mundo social em que vive. De maneira alguma eu pretendo sugerir que o lugar social onde todos os rios dos incontáveis diálogos interativos entre pessoas educadas-educandas desaguam, é o oceano da política. Mas eles devem passar por lá, mesmo que a sua viagem convirja a um horizonte ainda mais distante. Também não desejo defender a idéia de que o destino da educação é o serviço da pessoa à política. Mas

não consigo imaginar um educando-cidadão distanciado do desejo de se ver co-autor do direito-dever da construção de seu próprio mundo social. E isto é: político. De uma idéia de política compreendida como o cuidado responsável e ativo da *polis*: nossa casa comum, nossa cidade, nosso estado ou província, a nossa nação, bem como o poder que nela existe. Um poder de estado e fora do estado que não pertence nem a políticos profissionais e nem a mandatários de plantão, mas que deve ser, local e universalmente nosso, s pessoas criadoras, na sociedade civil, do “lado da vida” do mundo em que vivemos.

### **Sétima**

*Tornar a educação uma experiência de vocação multicultural crescente. Um projeto de educação cidadã deve convergir a formar pessoas motivadas a participarem de ações viáveis de enfrentamento da desigualdade social e de suas consequências. Ao mesmo tempo, ela deve voltar-se a um ideário ainda mais aberto do que o de um simples respeito às diferenças culturais, étnicas, religiosas ou de quaisquer outras escolhas autênticas, pessoais ou comunitárias, de vida e de destino. Ela deve considerar uma tarefa sua o formar pessoas intelectual e afetivamente abertas ao pleno acolhimento do direito à diferença como um fundamento do diálogo e da comunicação entre as pessoas e os povos.*

Em algum lugar de um poema Fernando Pessoa diz assim: *tudo o que existe é diferente de mim, e por isso tudo existe*. Eis um belo pórtico à porta de entrada de uma compreensão dos direitos à diferença na educação, como educação e através da formação de pessoas multiculturais pela educação. Oposta ao individualismo inerente à formação do produtor competitivo-competente, ela é um caminho na formação de individualidades em diálogo. Pois só nos entendemos porque somos diferentes e só podemos estabelecer buscas fecundas de saber e de sentido porque partimos de pontos diversos e chegamos a lugares diferentes, depois de trilharmos juntos uma mesma estrada de estudos, de pesquisas e de aprendizagens.

### **oitava**

*Em um mundo ainda marcado pela desigualdade, a injustiça, a restrição da liberdade, a exclusão e a crescente consagração do ideário do capitalismo neoliberal como patrimônio cultural dos princípios de vida no mundo de hoje, uma educação da pessoa cidadã deve colocar-se de preferência a favor dos pobres, dos excluídos, dos postos à margem e de todos aqueles impedidos de viverem os direitos ativos de participação cidadã na vida cotidiana, por haverem sido até aqui privados dos seus direitos humanos, como o do próprio acesso adequado á educação.*



Campo das escolhas livres do sujeito autônomo, a educação não pode fechar-se ao drama do mundo de que é parte. A educação que pretende formá-lo com as qualidades de uma cidadania integral, também não. Além disto, é difícil imaginar a possibilidade de existência de um projeto pedagógico que não penda para um lado – o do “mundo da vida” - ou o outro – o do “mundo dos negócios” – a cada momento do cotidiano em que, aqui e por toda a parte, vivemos e nos educamos.

Ao participar da formação de educandos de vocação cidadã, a pedagogia crítica se vê a si mesma como um fator decisivo no fortalecimento do “terceiro setor” da vida social. O das forças vivas de uma sociedade civil ativamente contraposta ao poder e à lógica do monopólio do “mundo dos negócios” sobre a sociedade. Sobre nós, nossas vidas, nossos destinos. Mais ainda, sob aqueles excluídos, tornados mais pobres e ainda mais deserdados do que já são. Sobre as pessoas-raiz que o capital considera como a sobra marginalmente desprezível, ou utilizável ao limite, quando necessário do modelo de sociedade que controla.

### ***nona***

*Uma educação voltada à busca da verdade, da virtude e da beleza, entre o generoso gesto poético e o responsável ato político. Uma educação aberta à aventura de desafiar-se continuamente a novas integrações, a novas interações e à própria indeterminação, na construção de seus saberes e na partilha recíproca de seus momentos de ensino-aprendizagem.*

Podemos ousar pensar uma educação desafiada a abrir-se a novas integrações, a novas interações e até mesmo às próprias indeterminações que se abrem diante do conhecimento científico, das criações da arte e dos voos da espiritualidade em todos os seus planos e domínios de realização cultural da busca de sentidos e de significados. Podemos começar pela crítica radical a toda a redução instrumental do conhecimento *das/nas* culturas escolares. De uma maneira consequente com as propostas sugeridas aqui, podemos reclamar uma educação cujos motivos sejam a formação “por toda a vida” de pessoas cujo destino é buscar solidariamente a felicidade através, também, de uma criação original de saberes e de valores para muito além da utilidade determinada pelo imaginário e pelos interesses do mercado dos “mundo dos negócios”.

Se nos descobrimos sujeitos de inteligências múltiplas e de múltiplas possibilidades de integrações complexas dentro de nós mesmos, assim como em nossos relacionamentos com nossos outros e com o nosso mundo, então em nome do que reduzir a educação, que deveria ser um ativador incessante destas imensas possibilidades de criação de nós mesmos através da aventura gratuita e generosa do saber partilhado, a um repertório de conhecimentos e de habilidades reduzidos a um acervo mecânico de respostas eficientes e vividas pela face em que nos vemos mais próximos das máquinas que a tecnologia inventa, não raro, para entregar ao mundo dos negócios algo que nos pode até mesmo substituir?

Podemos ousar pensar integrações curriculares bastante mais criativas e ousadas do que as que temos elaborado até aqui. Ao invés de eliminar do plano de estudos de crianças, jovens e adultos as combinações de saberes que não servem diretamente a uma qualificação funcional - já que somos seres destinados a criar e a ousar o inimaginável e, não, a apenas “funcionar” – podemos recriar frágeis e sempre mutáveis *caminhos de conhecimentos* - melhor do que “grades curriculares”- capazes de colocarem na sala de aula as mesmas integrações entre campos do saber com que se defrontam as ciências de ponta. Integrar os tempos e os ritmos da matemática, da música, da gramática e da literatura em um só plano de estudos. Pensar combinações de saberes postos em relação “harmônica”, mas do que em isoladas sequências “sinfônicas” da unidade fragmentada de cada “matéria” ou cada “disciplina”.

Podemos propor grandes planos e domínios interconectados do saber, onde o que importa é a vivência criativa do desenvolvimento da capacidade de pensar por conta própria, e também de um abrir-se a viver isto com os outros. Viver isto co-criando campos e planos abertos e complexos de saberes realizados a cada instante em cada aluna e, também, em toda uma pequena comunidade aprendente: aquilo e aquelas e aqueles que existem em cada uma de nossas salas de aulas. Podemos conspirar contra um ensino enxuto, instrumental e ranquicizado. Podemos imaginar uma educação onde percamos sentido perguntas como: em, que lugar eu estou a cada momento? Na frente de quem que eu superei? Atrás de quem a superar? Podemos pensar uma pedagogia de perguntas como: “em que pé estamos?”, “O que criamos juntos até aqui?” O que podemos fazer para integrar mais as pessoas do grupo que ainda encontram dificuldades para partilhar conosco o que estamos construindo aqui, juntos?” “Em que eu me superei a mim mesmo sem me comparar com os outros?”

Podemos ir além. Podemos recolocar na escola as interações entre o saber das ciências da natureza e as da natureza humana, e os também inesgotáveis saberes, valores e descobertas da filosofia, das artes, das espiritualidades, dos esportes (para muito além da “educação física”) e de um renovado sentido humano do próprio lazer. Eu não consigo compreender porque é tão importante aprofundar na escola os conhecimentos de informática e “internatizar” crianças e adolescentes como se “isto” fosse o passaporte único ao futuro, quando elas poderiam estar, também e com mais razões, vivendo momentos de círculos de criação de poesia, de aprendizado vivido da natureza (cursos de escaladas de montanhas, por exemplo) ou de meditação budista.

Finalmente, a ousada abertura do ensino escolar à própria indeterminação. Ao trabalhar muitas linhas acima como o exemplo do ensino da História, creio haver sugerido algo nesta direção. Nada mais são “leis definitivas” e não existem mais explicações mecanicistas do Universo e da Vida. As ciências cujas pálidas imagens trazemos para a escola, estão hoje em dia muito mais em busca de múltiplos significados dialogáveis como explicação do real, do que à procura desesperada de teorias únicas e inquestionáveis. Nossas crianças assistem em documentários de televisão as descobertas cada vez mais maravilhosas, frágeis, complexas e indeterminadas das ciências da natureza e das ciências humanas. Depois, na escola,

são postas diante de modos de pensar e de criar o saber típicos do pensamento científico do século XIX.

Uma educação destinada ao aprofundamento perene e ao adensamento do diálogo em todas as suas dimensões e possibilidades, deve começar por abrir-se à realidade de que também o campo dos saberes das ciências pode estar dividido entre uma direção reducionista e instrumental, ainda competitivamente aferrado à busca de teorias únicas ou hegemônicas, e todo um outro lado de trabalho e de criação aberta ao múltiplo e ao indeterminado. Um lado em busca crítica de novos olhares, de novas sensibilidades, de novas inteligências, de novas interpretações, de novas integrações complexas e de novos paradigmas do conhecimento. Qual deles trazer para dentro da educação e para o interior da escola também é uma outra difícil e inevitável escolha<sup>1</sup>.

### ***décima***

*Uma educação voltada amorosamente à Vida e responsável por formar pessoas e grupos humanos cada vez mais comprometidos com o estender a consciência de sua responsabilidade ao todo de seu Mundo, a toda a Humanidade e a toda a Vida existente em nossa casa comum: o planeta Terra.*

Não menos do que isto. Ainda que por agora “tudo isto” possa ser vivido em estado de “ponto de partida”. Os militantes dos movimentos ambientalistas possuem de longa data um preceito: *agir localmente, pensar globalmente*. Hoje em dia alguns pretendem mesmo a sua revisão: *agir e pensar local e globalmente*. Uma idéia equivalente, guardadas as diferenças e as proporções, poderia ser trazida para dentro de uma educação de vocação cidadã. A extensão do diálogo e a corresponsabilidade de todas as pessoas com quem trabalhamos como educadores, precisa estender-se a planos e a domínios da Vida cada vez mais amplos. Iniciado este processo generoso, ele não deve ter mais fim. Minha casa começa em minha rua e se estende a todo um continente, a todo um Mundo que comparto com todas as outras pessoas. Mas se estende também a todos os círculos através dos quais eu comparto com outros seres vivos a própria experiência da aventura da Vida.

---

1. Recomendo com ênfase o livro de Maria Cândida Moraes, o *paradigma educacional emergente*, da Editora Papirus

## ***Educar para a liberdade***

### ***Educar pessoas construtoras da liberdade***

O que proponho aqui não é propriamente um “decálogo”. Ele é, antes, um imaginário de valores que deveriam fundamentar uma educação voltada á formação de pessoas com vocação para a solidariedade, a participação, a paz e a plena aceitação do outro. Vou enumerá-las aqui e as proponho com simples *idéias-geradoras*.

#### *Primeira*

A finalidade da educação é essencialmente o *desenvolvimento humano*, e apenas de uma maneira derivada, o *desenvolvimento econômico*. A *pessoa humana* em sua real concretude, as comunidades de vida humana cotidiana e os povos da terra, mas do que o mercado de trabalho do mundo dos negócios são o seu primeiro destinatário e a razão essencial do seu exercício.

#### *Segunda*

Assim como o *ser humano* não se destina a coisa alguma, além de si-mesmo, da partilha da felicidade de/entre pessoas livres e solidárias, assim também a *educação da pessoa humana* não está destinada com prioridade a nada, além de sua própria realização através da plena formação de todas e quaisquer pessoas. Não se educa essencialmente “para o trabalho”, “para o estado”, “para o mercado” ou até mesmo “para a vida”... uma vida sempre “futura” e sempre inalcançável. Educa-se para criar perenemente pessoas destinadas à experiência do saber. O *saber* e a criação pessoal e solidariamente dialógica do saber através da partilha de sentimentos e saberes, sentidos e significados, é a primeira vocação da *educação*.

#### *Terceira*

Mas não há na proposta antecedente nenhum valor puramente “iluminista”. Se o destino da *educação* é a procura e a realização permanente e crescente do *saber* como exercício crítico e consciente da *pessoa educanda* e jamais educada (pois este processo é por toda a vida), o destino do saber consciente e da pessoa educanda é o *diálogo*. É a ampliação do interminável diálogo consigo mesma, com os seus outros e com o seu mundo de vida.

#### *Quarta*

A *educação* existiu e segue existindo sempre em um mundo de escolhas culturais de diferente valores e teores políticos. Ela deve voltar-se a ser um instrumento da criação e consolidação de *culturas políticas* de construção (bem mais do que de “colonização”) do presente e do futuro. Viver um absoluto agora, em sua plenitude, e ser educado para saber viver a cada momento a felicidade de um “agora compartilhado”. Mas sentir-se co-responsável pela construção de um

mundo de futuro cada vez também mais capaz de abraçar todas as pessoas e todos os povos em uma vida de felicidade.

#### *Quinta*

Assim sendo, o essencial em um projeto de *educação emancipatória (solidária, cidadã, libertadora, etc.)* é a possibilidade de que os seus sujeitos educandos (entre os que aprendem-ensinando e os que ensinam-aprendendo) é a *formação de pessoas* destinadas a se engajarem em frentes de luta social em nome da justiça, da solidariedade, da liberdade, da inclusão e, em suma, do direito universal de *partilha da felicidade* entre todas as pessoas e povos da Terra.

#### *Sexta*

Diante dos novos horizontes abertos pelos novos olhares e pelos novos paradigmas emergentes em todos os campos da experiência humana, a *Educação* de uma *Escola Cidadã* deveria abrir-se a todas as possibilidades e alternativas de novas e fecundas integrações de conhecimentos provenientes. E saberes vindos não apenas do campo da ciência, mas de vários outros. Já é tempo de re-encantarmos a educação, de poetizarmos a escola e de espiritualizarmos o ensino.

#### *Sétima*

Chegamos hoje, entre erros e acertos, guerras e paz, ao ponto de maturação humana em nosso processo cultural de hominização, em que, nos abrimos a dois princípios fundadores das relações entre nós. Eles estão fundados na *emoção*, tomada aqui como a ordenadora das ações humanas, no sentido dado por Humberto Maturana ao termo, e eles são: a *confiança* e o *amor*. Embora possa parecer estranho aos nossos “tempos de agora”, *convivemos* porque confiamos no outro. Confiamos em nossos outros porque o sentimento da essência do ser e do viver humano é o *amor*. É tempo de *educação* redescobrir a *emoção* como um ingrediente humano fundador da própria racionalidade, descobrindo no mesmo movimento o *amor* e a *confiança* como pressupostos de toda a pedagogia solidariamente humanista.

#### *oitava*

A palavra “solidariedade” e a suas derivadas foi e será escrita em nossos *cadernos* escrita inúmeras vezes. Tanto elas quanto as suas companheiras de sentido, como: *partilha, participação* e outras. Devemos ousar pensar e praticar uma *educação* para um projeto vida e para a realização de culturas humanas fundadas na paz e na partilha amorosa da vida e da felicidade. Projetos corajosa e realisticamente dirigidos a uma nova postura humana diante da vida. Precisamos urgentemente redescobrir os caminhos da simplicidade do existir. De um espírito de quase-pobreza como escolha de muitos, para que todos possam viver dignamente.

Precisamos aprender a viver em termos crescentes de *economia solidária* e de *simplicidade voluntária*. Ensinar para aprender a abrimos mão de boa parte de

nossos bens, de nossos tempos, de nossos saberes de nossas vocações, em nome de uma ativa partilha da vida com as outras pessoas. Uma vida que fortaleça o primado do *ser* e do *dom* sobre o do *ter* e da *posse*.

Diante do mundo dos negócios que transforma todas as coisas em mercadoria, e que “mercadoriza” a *educação* e também as pessoas capacitadas para serem elas próprias produtos de compra-e-venda em um mercado em que o valor da pessoa é o seu valor de compra, é preciso criarmos teias e redes de vida solidária.



## ***Alguns princípios como fundamentos da educação popular***

### *1º. O primado do valor original e absoluto da pessoa humana*

Qualquer que seja o tipo de um governo e a vocação de uma sociedade, a pessoa humana é sempre o seu sujeito e a sua razão de ser de tudo o que há, e de tudo o que se faz, realiza e transforma.

Individual ou coletiva, a pessoa humana constitui um valor irredutível em si mesmo. E todos os projetos e todas as políticas sociais devem ter cada pessoa e os coletivos de todas as pessoas de um povo, de uma nação, da humanidade como a origem de suas ideias e ações, e com as suas destinatárias essenciais.

Na relação “triangular” entre a sociedade civil, o poder de estado e o mundo do mercado, a única instância de valor substantivo e original é a sociedade civil. É a comunidade de mulheres e homens que individual e coletivamente constituem a substância única de realidade, valor e sentido em-si-mesma.

Um projeto ao mesmo tempo humanista, solidariamente socialista e emancipador, realizado através de qualquer modalidade de prática da educação, não pode subordinar-se e nem constituir como horizonte de suas realizações um poder de estado. Menos ainda o ideário e o poder do mundo do mercado.

O seu lugar de origem é a sociedade civil. o seu cenário de realização é também ela. E seu horizonte de destino são as pessoas que a habitam e constroem.

### *2º. A igualdade dos saberes e a vocação humana ao diálogo*

Cada ser humano é uma fonte de vida, de experiências pessoais e de saberes próprios que a torna única, como uma fonte original de valor e de conhecimento. Assim também acontece com cada cultura e com cada coletivo cultural. Culturas são diferentes umas das outras. São originalmente diferentes e não hierarquicamente desiguais.

Assim sendo, todo o saber, todo o aprendizado e toda a ação social entre pessoas devem realizar-se sempre como vivências interpessoais e culturais de e entre diálogos. Quem quer que sejam as pessoas participantes de um “momento de partilha de criação de saberes” (leia-se: educação), a sua verdadeira vocação está na sua abertura ao encontro com o outro no diálogo entre seres iguais, livres e responsáveis por si mesmos, pelos outros e por seus mundos de vida e de trabalho.

*Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. ... Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. Paulo Freire<sup>2</sup>.*

### *3º. O diálogo como comunicação transformadora de consciências e culturas*

Não somos apenas mentes que adquirem e acumulam informações e conhecimentos para permanecermos como sempre fomos. Somos e seres que transformam o que aprendem e conhecem através de formas pessoais e dialógicas de consciência. A formação de consciências autônomas, críticas, criativas e amorosamente dialógicas é a razão de ser do aprendizado.

E esta forma de aprendizado deve ser a razão de ser da educação. Pessoas não aprendem apenas para serem capacitadas através da informação. Aprendem para conhecerem. E conhecem para compreenderem. E compreendem para agir. Assim pessoas não aprendem para acumularem conhecimentos, mas para continuamente processarem saberes ativamente adquiridos como reconhecimento pessoal e interativo de si mesmas, dos outros e do mundo. Conheço quando faço parte do que é conhecido. Conheço conscientemente quando penso por conta própria e responsavelmente qual o sentido humano e social do que estou conhecendo.

Todo o saber do acontecer de uma educação popular é uma experiência de reciprocidade. Todo o saber que circula e com o qual se ensina e aprende não é propriedade de quem sabe, não é uma posse. É, ao contrário, um bem de troca, logo, é um dom reciprocidades.

Numa experiência plena de educação popular não existem professores versus alunos, e nem professores e alunos. Todos os participantes são ensinantes que aprendem e são aprendentes que ensinam. Ou todos são educadores que aprendem e educandos que ensinam.

Devo repetir ainda uma vez. Uma educação de vocação popular encontra na partilha de diálogos o seu chão e o seu céu. O seu ponto de partida, o seu percurso e o seu ponto de chegada. O diálogo não é apenas uma metodologia de ensino e nem é uma meta abstrata entre outros. O diálogo entre-nós é o fundamento dela, e a substância de todo o seu processo e é o seu objetivo essencial. Mais do que ensinar a aprender informações, conhecimentos e saberes, esta modalidade de educação pretende criar condições para que o meu-saber se transforme num saber compartilhado entre-nós.

---

2. Está na página 94 do livro *Pedagogia do Oprimido*. Ele foi publicado pela Editora Paz e Terra, de São Paulo, em 1970. Existem várias edições posteriores e inúmeros artigos e livros que de um modo ou de outro comentam as ideias contidas no livro.



Todo o processo da educação popular é, portanto, regido por uma horizontalidade de participantes iguados em suas diferenças. Ela parte de um princípio dito e repetido aqui: qualquer pessoa é uma fonte única e irreversível de seu próprio saber-de-vida. Todas as modalidades de saber são equivalentes enquanto valor e são válidas através de suas diferenças.

As mais diversas circunstâncias da vida e do destino de uma pessoa, de um pequeno grupo ou de uma comunidade são, em si-mesmas, fontes e repertórios de saberes essenciais. O que se vive em uma situação educacional formal complementa estes saberes, dialoga com eles e não os desqualifica e nem trabalha no sentido de os substituir por outros saberes. Em cada pessoa ou grupo cultural o que se aprende na educação popular comunitária, como uma troca, uma reciprocidade e um diálogo, deve resultar em uma progressiva integração entre os saberes-de-vida e os saberes-de-escola.

Não se lucrar, ganhar com o saber que se aprende. Ele também não é meramente “acumulativo” no interior da pessoa que aprendera saber. Ele pode ser útil sem precisar ser limitadamente funcional. Pode ser funcionalmente aplicável, sem ser competitiva e individualisticamente utilitário. Todo o saber que se acrescenta ao que se sabe, deve resultar em motivações e ações de partilha e de serviço e, não, de ganho, lucro e poder. Ao contrário do competente-competitivo, o consciente-cooperativo.

*4º. O destino do conhecimento conscientizador é um ponto de origem de ações sociais transformadoras, emancipadoras e decolonizadoras*

Uma das decorrências de uma mente consciente através do aprendizado no âmbito de uma educação libertadora, é a consciência de que o mundo em que vivemos foi e segue sendo construído através de ações de/entre pessoas e de/entre coletivos humanos. Ele é uma criação social, e se em um momento de sua história um “mundo social” não corresponde a como deveria ser uma sociedade livre, justa e fraterna, cabe às pessoas que nele vivem, a partir dos agentes das camadas populares, realizarem a sua transformação.

Existe um critério absoluto para determinar a qualidade de uma mudança ou transformação social? Sim: ela deve ser sempre humanizadora. Deve representar sempre e de maneira irreversível um acréscimo de valor humano. Um aumento de condições através das quais as pessoas e todas as pessoas de uma formação social possam viver cada vez mais uma vida plena e feliz. Isto é: uma vida de qualidade, criativa, livre, corresponsável e solidariamente partilhada, em uma sociedade justa, democrática (de fato), igualitária, multicultural, não excludente, e aberta à constante mudança.

*5º. O chamado à participação de todos, a partir das pessoas do povo tomadas como classe social*

Em uma sociedade onde a imensa maioria das mulheres e dos homens pertence às camadas sociais populares, não apenas por isso são as pessoas do povo aquelas a quem devem ser destinados recursos e projetos que reverterão a sua própria condição de pobreza, exclusão e marginalidade.

Mais do que isso, pessoas das camadas populares devem se tornar os próprios agentes ativos e críticos de sua formação e da transformação de suas culturas (modos de ser, de viver, de sentir, de criar e de pensar) a partir delas próprias. E a partir de seus valores e tradições, em direção à transformação da própria vida social que elas constroem com seus saberes e trabalhos.

*6º. A partilha solidária da vida e do saber*

Aprender, a saber, começa por partilhar de maneira ativa e proveitosa da construção coletiva do saber que pessoalmente se aprende. Uma “turma de alunos”, que eu prefiro chamar de “uma comunidade aprendente” cria e recria os seus saberes a partir dos quais cada integrante realiza a interiorização pessoal de seu quinhão de saber. Participando de uma comunidade aprendente colocamos o que trazemos como nossa experiência pessoal de saber. E “retiramos” de um todo partilhado a nossa parte individual daquilo que cada um de nós, no interior de um Entre-Nós, adquire e aprende.

Construir saberes, aprender e saber é, portanto, sempre uma experiência sempre Entre-Nós. A aquisição da informação pode ser solitária. O aprendizado de um conhecimento é um diálogo entre eu e um outro (como o diálogo com o autor cujo livro eu leio). O aprendizado do saber é sempre uma atividade vivida como diálogo entre-nós. Não sendo posse de qualquer pessoa, o saber (da sabedoria) deve livremente fluir entre todos.

Aprender a saber é saber transformar-se.

Ser mais si-mesmo igual e diverso, por efeito da vivência do processo de criar saberes e sentidos, através do que o aprendido transforma o-que-eu-sei, e assim, transforma quem-eu-sou. Sendo uma pessoa que ao aprender se transforma, eu me transformo em um agente de transformações.

Assim sendo, podemos encerrar esta breve síntese lembrando uma vez mais que a razão de ser da educação popular é formar pessoas reciprocamente transformadas, e destinadas a se constituírem como agentes solidários de transformação de suas vidas, de seus destinos e de seus mundos de vida.

## 7º. A pedagogia da esperança

*Pedagogia da Esperança* é um livro de Paulo Freire que sucede e repensa o *Pedagogia do Oprimido*. Paulo viveu uma vida inteira como um persistente educador. Tal como tantas outras e outros aqui na América Latina, ele conviveu sempre com coletivos de ação e esperança. Não foram poucos os momentos de sofrimento e de um quase desânimo. No Brasil, no Chile, na África ele conviveu bem mais com experiências emancipatórias abortadas por um “golpe de estado” ou a passagem de um governo popular a um autoritário e subordinado ao mundo empresarial. Assim eu também e várias pessoas que, como Paulo e eu, viemos de cinco ou seis décadas “envolvidos com a educação popular”. Um dia publiquei um livro coletivo, após em uma viagem com Paulo Freire à “Nicarágua Sandinista”, com este nome: *Lições da Nicarágua – a experiência da esperança*. Anos mais tarde assistimos ao que aconteceu com a Nicarágua e como uma vez mais os poderes anti-povo tomaram o governo e reverteram o que começou sendo uma das mais esperançosas reconstruções sociais na América Latina.

Nem por isto e nem por mais do que isto aprendemos a desistir. Afinal, o “inédito viável” nos parece realisticamente estar sempre diante de nós, por distante que seja o horizonte em que o vemos... ou presentimos.

Ser educador. Saber ensinar para ser superado por aqueles com quem dialoga e a quem ensina. Quero repetir aqui uma pequena e fundadora passagem da vida de Paulo Freire. Ela me foi contada não por ele, mas por Moacir Gadotti, que foi o interlocutor do que houve.

Um grupo de educadores em São Paulo resolveu criar um instituto de educação popular com o nome de Paulo Freire. Em uma pequena comissão foram até ele propor a iniciativa. Paulo ouviu a proposta e a seguir respondeu: “vejam, se for para me repetir, não vale a pena. Mas se for para me superar, aí sim. Podem criar”.



## ***Alguns passos em direção a uma outra educação***

1. Podemos descolonizar a educação da pedagogia e, mais ainda, do pedagogismo isento de diálogo com outras maneiras de sentir, pensar e praticar a vocação de ensinar-e-aprender. Podemos ousar o não permitir que a educação seja pensada apenas como algo que existe entre a ciência-e-a-técnica. Podemos relativizar um teor dominante de uma tardia e limitante escolha centrada somente no didático-científico – aquilo que se resolve no "prosaico", lembrado por Edgar Morin - em nome de uma vocação equilibradamente também dialógico-poética. Ou mesmo "poiética", como em Humberto Maturana. Podemos aprender a *Poeitizar* a educação e *poetizar* a escola.

A pedagogia é uma ciência, e como outras ramas da ciência deveria aprender a abrir-se com coragem a novas integrações, como entre ela e a antropologia, por exemplo; a novas interações como entre a ciência e a arte; a novas indagações, como: por que não parar um pouco de ensinar e “educar” outros povos de outras culturas, e começar a perguntar o que eles também têm (milenarmente, às vezes) a nos ensinar; a novas indeterminações, como relativizar o poder-do-saber das certezas consagradas e partir, junto com aquelas e aquele a quem ensinamos, a partir de incertezas compartilhadas, para buscar de fato, juntos, a partilha de novas respostas a outras perguntas?

Afinal, segundo os sábios (mas nem sempre doutores) de todos os tempos, a educação pode ser um método e uma técnica. Mas educar é uma arte.

2. Podemos des-apressar o aprender. A retardar o que-saber-para-fazer em nome do como-viver-para-ser. Podemos dar mais e melhor tempo a lentas e humanizadas progressões escolares, e abrir mais momentos ao poético por oposição ao prosaico; ao devaneio por oposição ao conceitual (como em Gaston Bachelard), ao amorosamente dialógico, por oposição ao egoisticamente monológico, ao poiético = a construção da poesia-de-si-mesmo na pessoa de cada aluna/o, por oposição ao pragmático = a mera instrução do indivíduo para produzir apenas... coisas.

3. Recriemos o direito ao improvisado, ao imprevisível, ao criativo, remando contra o pré-estabelecido, o previsto, o previsível. Conspirar contra a mecanização do ensinar, como aquela que se estabelece em cima de programas de curso rigidamente pré-montados e empacotados.

Retomemos a aulas e diálogos criados a partir de roteiros fluidos a serem construídos no próprio momento da aula ou da fala.

Relativizemos o primado crescente das aulas Datashow e aprendamos a utilizar criativamente os aportes da informática, em nome de um saber criativo

e elaborado no momento do ensinar-aprender. Um com-saber com pleno direito ao improvisado de parte do professor e de alunos.

Assim, podemos redescobrir e retomar a aula em que a fala de parte a parte constrói o seu próprio saber, ou invés de reduzir-se a um repetitivo empilhamento de informações prontas e não aberta à criação do debate e da descoberta do sabor do saber no acontecer do ensinar e aprender.

4. Saibamos abolir ou reduzir o quanto for possível as competições e as concorrências. A escola não é um estádio e nem a educação é uma olimpíada. Colocar muito em segundo plano, ou mesmo eliminar as competições e, sobretudo, as “ranquicisações”, em nome de uma escola de partilhas e de construções coletivas, solidárias e não comparáveis em termos de escalas e hierarquias.

Relativizemos a individualização competitiva, em favor de uma individuação cooperativa. Abolir ou reduzir as premiações excludentes (nos pódios sempre só cabem três), os “quadros de honra”, os “primeiros colocados” e o silêncio a respeito de “todos os outros”.

Quando será que a escola e a educação irão atribuir valores e prêmios para os mais solidários, os mais “abertos-ao-outro”, os mais cooperativos e capazes de dialogar em e entre equipes, em lugar dos solitários obcecados por seu exclusivo desempenho individual e por suas medalhas?

Afinal, queremos produzir homens-máquinas para os poderes do mercado, ou pessoas humanas para a construção de uma sociedade generosamente humanizada?

5. Repensemos a pedagogia como a arte de criar, gerar, partilhar e fazer circular saberes. Como o território do encontro aberto a desafiar pessoas e grupos de pessoas a aprender e integrar conhecimentos, e de acolher informações apenas de forma complementar e acessória à construção pessoal e coletiva de saberes. Não esquecer que aprender é criar saberes junto-com-o-meu-outro, para depois interiorizar a minha parte pessoal de um com-saber solidariamente construído.

Retomemos a trajetória que vai da informação (o que se adquire e acumula manual e instrumentalmente sem reflexão e partilha) ao conhecimento (aquilo que interioriza através de diálogos reflexivos e críticos com outros), e chega finalmente ao saber (aquilo que se cria apenas em situações de partilha e que flui entre todos, sem ser uma posse de ninguém). Bernard Charlot.

6. Portanto, re-centremos o processo do ensino-aprendizagem no “acontecer do aprender”, recolocá-lo no interior da vida de equipes e na experiência pedagógica do criar-entre-nós. Transformar a sala-de-aulas e a turma-de alunos em uma *comunidade aprendente*. Uma pequena e viva comunidade centrada no trabalho da pessoa-com-os-outros, e não no esforço egoísta do indivíduo-contra-os-outros, à margem da equipe, da turma, da

pequena e ativa comunidade que sabe o que aprende... e que aprende o que constrói.

7. Saibamos como re-vivenciar a experiência do aprender como um trabalho realizado também sobre a reminiscência, sobre a lembrança do vivo e do vivido, sobre a memória do partilhado em interação com o que está acontecendo aqui-e-agora.

Trabalhemos para que o foco do ensinar-aprender parta não apenas de um concreto-abstrato dominado pelo professor e subordinado à "rotina de um programa". Mas algo vivo e rememorado em e entre situações pessoais e interativas vividas e pensadas pelos alunos desde a experiência de momentos-foco de vidas cotidianas.

Se isto tem sido experimentado há muitos anos com terapias que pretendem partir do e atingir o âmago da vida interior de pessoas, porque não fazer o mesmo com a educação? Pois estamos pensando aqui em uma educação que somente pode pretender ser integral e transdisciplinar, se tomar como seu ponto de partida o núcleo pessoal-e-dialogável de cada um e de todos os seus participantes.

Mas, para tanto, é preciso lembrar que qualquer que seja a pessoa-aluno que tenho diante de mim, estou frente a uma fonte pessoal, única, sagrada e irrepetível de suas próprias vivências, experiências, sentidos, sensibilidades e saberes. Compreendido de dentro para fora e a partir de si mesmo, o "pior de meus alunos" é um sábio-de-si-mesmo.

8. Sem temor algum, recoloquemos o foco da educação naquilo que até a algum tempo atrás costumávamos chamar de "espiritualidade", de "vida interior"; de "busca pessoal e interativa do bem, do belo e do verdadeiro".

Por que será que estes profundos e ancestrais valores da trajetória da humanidade no Planeta Terra, parecem hoje algo "do passado" em tempos em que a eficácia do momento, a superficialidade competente e a descartabilidade de tudo e de todos parece a cada momento colonizar mais espaços de nossa própria... vida interior?

9. Relativizemos muito a tendência crescente a funcionalizar a educação para capacitar o competente-e-produtivo, em nome de nossa vocação de educadores, centrada no re-humanizar a educação para formar o consciente-criativo.

Recoloquemos no foco da educação o diálogo constante da comunidade aprendente com não apenas a informação útil e disponível - como o "inglês funcional", para aprender a falar com máquinas e com empresários - em nome de um saber transbordante e desafiador - como aprender inglês para ler Shakespeare e Robert Frost.

Dediquemos menos tempo a lidar com fragmentos de poesia-instrumental para ensinar gramática-funcional a estudantes apressados, e dedicar mais

tempo-vivo-na-escola para trabalhar gramáticas-profundas e filosofias das ideias, para criar leitores atentos e fervorosos de Cecília Meireles, de Clarice Lispector, de Marilena Chauí e de João Guimarães Rosa.

10. Aprendamos a realizar de fato, e não apenas nas teorias dos simpósios e congressos sobre transdisciplinaridade, interações e integrações de igual para igual entre a arte, a filosofia, a espiritualidade e a ciência.

Criemos currículos em que a música recobre o seu lugar na sala de aula e dialogue por igual com a matemática; a dança dance com a geografia e ambas criem territórios de vida e, não, de informações sobre a vida. Deixar que a poesia seja um dos motivos de se ensinar “língua pátria”.

Se necessário, aprendamos com Leonardo da Vinci, Gaston Bachelard, Roland Barthes, Antônio Cândido, Heitor Villa-Lobos, que a arte não é um saber ocioso destinado às horas de recreio, ou de atividades para-escolares. Ela é um outro saber. Ela poderá vir-a-ser um saber tão humanamente profundo quanto o conhecimento das ciências. Ciências que quanto mais se fazem densas e desafiadoras, tanto mais se aproximam do mistério, da filosofia e da arte.

11. Desloquemos as integrações-interações entre saberes para além do meramente “transdisciplinar”. Assim abrir-se ao todo e ao complexo da “sabedoria do mundo”. Levar a sério a proposta (sempre incipiente, sempre aos pedaços) de uma educação multiculturalista a um ponto limite. A um lugar de efetiva fronteira-de-diálogo entre os saberes-de-ciência (ocidental e acadêmica) e os saberes-outros. Todos os outros saberes.

Realizemos isto a partir do pressuposto de qualquer outro saber vindo de qualquer outra cultura é não tanto uma “forma curiosa e interessante de pensar e viver” ele é em-si-mesmo e para-nós uma outra fonte original, interativa e complexa de lição do mundo e da vida. Outros saberes, outras sensibilidades, outras criações culturais de compreensão do humano, da vida e do mundo em que a vivemos, apenas diferentes, mas em nada desigualmente “menores” do que o que culturas eruditas do Ocidente produziram.

Os saberes de Cambridge e Nova York ameaçam mais a nossa felicidade e a nossa sobrevivência do que o dos Aymaras e os Guarani.

12. A partir do aporte de saberes de tradições “de longe”, aprendamos a aquietar um tanto mais a educação, a serenar a pedagogia e a pausar a didática.

Talvez o “agito” das salas de aula e a violência das escolas diminua, com a inclusão de momentos de “nada fazer” na escola. Momentos de criativa serenidade em que é dado a tudo e a todos o direito de estar-na-sua, serenamente meditando ou aprendendo com aulas de Tai-Chi. Aulas em que ninguém compete com ninguém, mas cada uma se harmoniza em conjunto com outros. Saibamos trazer para o centro da escola práticas destinadas a tranquilizar o espírito e a serenar o corpo de dentro para fora.

Será que boa parte do que torna nossas alunas “agressivas” e as nossas escolas “violentas”, não procede do estarmos trazendo para dentro da escola a mesma lógica, a mesma pressa, a mesma competitividade exaustiva, a mesma ética (ou pseudo-ética) e a mesma sensibilidade do competitivo-competente de um mundo-de-mercado que nos coloniza e que dia-a-dia ameaça colonizar todas as esferas entre a sociedade e a educação, entre a educação e a escola, entre a escola e cada uma de suas habitantes?

Estejamos atentos a não transformar uma *educação integral*, algo que ao invés de integrar pessoas criativas, desintegre ainda mais indivíduos agitados através de um acúmulo “em tempo integral” de atividades sucessivas, apressadas e competitivas.

13. No seu sentido mais radicalmente humano e, por isto mesmo, mais transformador, recoloquemos a política no centro do que se vive na escola. Em primeiro lugar, política com o sentido de cuidado da “polis”. Quando falamos em educação cidadã, ela é isto: o aprendizado vivido e vivenciado da co-responsabilidade pela gestão coletiva e amplamente participativa nos destinos de grupos humanos locais, de comunidades, da cidade, da nação e de todo o mundo.

Em segundo lugar, política como partilha do processo de transformar pessoas - o “conscientizar”, em Paulo Freire - para criar, também a partir da escola e desde a infância, seres humanos com um sentimento e um saber de liberdade e de autonomia, logo, de partilha, participação e cogestão ativa e solidária de processos de transformação de nossos mundos de vida e de destino.

Lembremos: a educação não muda o mundo; a educação muda pessoas; pessoas mudam o mundo.

14. Assim, retomemos a ideia do destinar uma educação humanista e radicalmente integral, à vocação de formar sujeitos conscientes-cooperativos para a transformação humanizadora da sociedade e, não, sujeitos competentes-competitivos para a reprodução da lógica e do poder do mercado do capital.

Uma educação para além do meramente “inclusivo”. Uma educação voltada com prioridade ainda e sempre (ou até quando for preciso) ao serviço aos “deserdados da Terra e da terra”. Uma educação esquiva aos poderosos e voltada aos pobres, aos excluídos, ao povo e nossos povos, enfim, que o nosso labor como educador esteja preferencialmente dirigido.

13. Façamos retornar a escola e a educação a práticas do cotidiano que em suas diferentes escalas remam contra os saberes, valores e poderes do capitalismo e do mero mundo dos negócios. Associar a educação integral a processos conduzidos por movimentos sociais e populares de frentes de luta contra a desigualdade, a exclusão, a acumulação de riquezas, à exploração do trabalho e da pessoa que trabalha.



Ousemos abrir a escola, primeiro para os seus “territórios-do-entorno”, aquilo que gosto de chamar de comunidade de acolhida, o lugar mais sociocultural do que meramente geográfico em que a escola está inserida.

Depois, acolher em seu interior e dialogar com antigas em novas modalidades de viver-a-vida como a economia solidária, a simplicidade voluntária, as frentes populares de ação social.

14. Ousemos saltos além-de. E começar por desvestir uma educação integral das máscaras em que ela aparece como “escolas em que os alunos ficam o dia inteiro dentro delas”. Ou como algo que apenas de leve humaniza e integra valores e fatores de uma educação dominada pela lógica do mundo dos negócios e destinada a reproduzir e reforçar o poder do capitalismo.

Desde as práticas do cotidiano, pensar os termos concretos e a prática de educações libertárias, de uma educação em busca de construção de si mesma como lugar de criação de formas novas e renovadoras de solidariedade interativa e de um socialismo de fato humanista e humanizador.

15. Retornemos a educação a uma vocação de fato mais culturalmente “natural”. Em um tempo em que as telas e as conexões eletrônicas parecem deslocar a realidade do mundo da vida do vivencial para o virtual, ousemos aprender a retomar os caminhos de genuínas experiências-de-partilha-da-natureza.

Talvez tenha chegado o momento de pensarmos – entre tantas teóricas inovações didáticas – se a escola não deveria voltar-se mais a ser parecida com um “acampamento de escoteiros” do que com um “laboratório de internautas”.

16. Enfim lembremos com Sartre que "uma coisa é o que fizeram de nós. E outra coisa é o que fazemos do que fizeram de nós..."

Partamos da ideia de que na verdade, se quisermos, somos e seremos nós e os nossos educandos-herdeiros aqueles a quem cabe a continuidade e a densidade do trabalho de transformarmos as nossas vidas, os nossos destinos e os mundos cotidianos e de história, em que partilhamos nossas vidas e destinos.

17. Relembremos que somente haverá “um outro mundo possível”, quando, passo a passo, existir em nós e entre nós, um outro ser humano possível. E este outro ser humano mais humano e humanizador somente existirá quando soubermos criar uma outra educação possível e... integral. E todos estes “possíveis” dependem de nós mesmos e de nós mesmas, muito mais do que nós próprios/as imaginamos.

## ***A vocação de educar algumas palavras sobre o exercício da educação***

### ***Os sinais***

Os sinais de vida estariam por toda a parte.

Semeados entre a vida e a morte e de novo a vida, eles estariam por toda a parte. Existiriam já então as flores. Ásperas, duras flores de um tempo anterior ao nosso. Já então, muitos milênios antes, a forma multiforme da vida teria trazido das águas moventes para o chão de terras as sementes desses ancestrais. Seres da vida entre o azul, e o lilás, o vermelho e o amarelo. Os grandes sáurios teriam desaparecido e, então, entre outros animais de grande porte o pequenino beija flor corria entre cores e odores fecundando a vida. Então os seres de que nós viemos baixaram das árvores e aos poucos, a custa de um enorme esforço, ergueram-se sobre as partes de trás e olharam de frente o horizonte. Como os bichos que caçam, eles tinham os seus olhos na face do rosto. Mas, de uma maneira diferente, só eles aprenderam a ver uma mesma fiel imagem com os dois olhos. Perderam os instintos da onça, mas aprenderam a prestar mais atenção do que os anjos. Ao cabo de outros muitos milênios terão reservado as mãos para ofícios até então desconhecidos.

E terão aprendido, seres de quatro patas, de pé sobre apenas duas, uma rara, nova e única postura do corpo. E entre os dedos o polegar veio a opor-se aos outro dedos. E pela primeira vez a vida gerou uma mão tão sábia quanto a mente que haveria de criar através dela. Uma mão esquecida de andar carregando o corpo, como entre os macacos. Uma mão sutil e interrogativa, para que houvessem os toques do amor, ciência e da arte. E a arquitetura da boca perdeu aos poucos a ferocidade carnívora e se preparou para o milagre da fala. Em um ser que anda de pé, que olha com curiosidade, atenção e sabedoria, que conquistou a liberdade dos gestos, primeiro das mãos e, depois, os da fala através dos sinais sonoros dos símbolos, estava aberto o caminho para a atenção concentrada, o olhar inteligente e o gesto sem igual do pensamento.

Um pequeno cérebro no começo igual ao dos seres seus primos: os gorilas, os orangotangos, os gibões e os chipanzés, cresceu, aumentou muito e se tornou complexo e diferenciado. E foram preciso outros milhões de anos para que este lugar do pensamento e da imaginação aprendesse a pensar, a saber e a se pensar, a se saber pensando e a se pensar sabendo. E a se sentir sabendo e a se pensar sentindo. Pois ali foram nascendo, como flores de vida eterna: a memória, o sentimento do futuro, o desejo de troca com o outro, o temor antecipado de morte, a devoção, o afeto temperado pelo pensamento e o ato de pensar tornado reflexão.

Um dia Gaston Bachelard escreveu: *estou só, logo somos quatro*. E somos mais, pois cada um pode vir a ser a fronteira do infinito.

A vida, consciente de si em qualquer ser-da-vida, torna-se enfim conhecedora de sua própria consciência. Ela passa de uma consciência reflexa a uma consciência reflexiva. Ela salta do sinal ao signo e do signo ao símbolo. Ela cria a cultura, esse modo natural de ser humano. À Criatura que finalmente emerge do som ao sentido, e do sentido ao significado; E cria a palavra e estabelece o primado da comunicação de sentimentos através de símbolos culturais do viver e do sentir.

Daí viemos, e disto somos.

### 1.

#### ***Avós e netos no meio da noite***

Como teria sido a noite talvez esquecida de todas as memórias?

Uma noite primitiva e ancestral na aurora da história,

Quando um pequeno ser vivo,

um milhão de anos depois chamado: “homem”.

Chamou para um lugar mais perto da fogueira acesa o seu neto

E então, apontando com dois dedos da mão direita uma estrela.

entre as muitas do céu de julho, pronunciou pela primeira vez

o seu primeiro nome. Como terá sido aquela noite?

com que gestos de um afeto rude,

no entanto cheios de uma estranha luz,

mais do que a fogueira, mais do que a das estrelas do inverno

teria acontecido aquilo um dia ... no meio da noite?

Como teria sido, anterior de mil milênios

uma outra noite, mais esquecida ainda no silêncio do tempo

quando um ancestral mais antigo ainda

daqueles primeiros homens

descansou sobre os ombros de um menino o peso do braço

e entre movimentos das mãos apenas, e do olhar

ensinou a ele pela primeira vez um pequeno segredo

num tempo em que debaixo das árvores e das estrelas

não existiam ainda nem mesmo as palavras,

nem mesmo os nomes do mundo?

como teria sido o desenho daqueles gestos sem voz

e tão humanamente simples que sob a proteção dos astros

o homem e o menino adormeceram sem de longe imaginar

que haviam feito ali o milagre de aprender-e-ensinar

para que o saber não morra, e nem as pessoas,

e nem as estrelas?

Que pássaros acordados na noite e que outros seres dos céus  
 é que flores noturnas dessas onde só o perfume  
 já torna tão cheio de mistérios o mundo e a vida  
 terão assistido, uma vez e outra, separadas de um milhão de anos  
 aqueles instantes fugazes da história quando, primeiro o gesto  
 e, depois, a palavra, teriam criado a façanha de inventar a troca  
 entre os símbolos, entre os sentidos e entre os sentimentos do mundo  
 através dos gestos da vida em consciência e em saber?  
 transformados naquilo a que outros, tanto tempo,  
 deram o nome de *educação*, entre os homens e os filhos dos homens.

## **2. Quando um gesto ensina, o que se faz?**

Entre gestos de poder e amor: movimentos com as mãos, balanços do olhar  
 alguns murmúrios de palavras e as primeiras frases curtas  
 do pensamento, viajando entre infinitas manhãs e noites  
 e multiplicando muitas vezes por mil a variação dos inventários  
 das maneiras de passar de uma geração para a outra os segredos da tribo  
 entre avós e netas, de aldeia a aldeia, de uma casa à outra  
 a educação invadiu o planeta e fez dos seres que nós fomos:  
 mulheres e homens.

Porque de então em diante, entre guerra e paz  
 os seres que somos descobriram  
 que valem muito pouco o saber e a consciência  
 se não existir entre as pessoas que à noite se reúnem à volta do fogo  
 o sentimento coletivo de tornar tudo partilha  
 e repartir, como o peixe e o pão, os gestos das mãos e da voz  
 com que aprende do outro os seus nomes e os segredos de amassar a farinha  
 e assar a massa no forno que alguém fez quando aprendeu a fazer o fogo.  
 E com as mulheres e os homens das noites não lembradas da história  
 por toda a parte a educação a sua viagem cheia de luzes e de sonhos,  
 mas também de horas escuras, horas cheias de tormento.  
 Ao longo do caminho sinuoso dos montes e vales da vida  
 repartida como história  
 que outros tantos dias e outras noites primitivas  
 terão sido testemunhas das infinitas tramas dos mistérios  
 onde, aprendendo com a vida e a alma a experimentar o fio da natureza  
 os homens do mundo aos poucos tudo transformaram  
 tocando à água e a pedra com as ferramentas das mãos e do espírito?  
 Eles ... nós, frágeis senhores de tudo, irmãos do universo,  
 Seres por onde a vida alcançou a consciência: filhos do barro,  
 Da chama e da carne, ferreiros dos signos, escrivão dos símbolos  
 Criadores do tempo da cultura, com que a tudo deram o rosto e o nome  
 E em todas as coisas assinaram com o sinal de seu poder:

Marcas de alma e sangue dos sonhos dos homens.  
 E entre tudo: pessoas, palavras, signos, símbolos e sentimentos  
 À volta das fogueiras, dentro das chocas nas noites das grandes chuvas,  
 Tocando uns com as mãos os corpos dos outros: aprendiam-e-ensinavam  
 E de novo, muitas vezes, ensinavam-e-aprendiam.  
 E assim como fizeram as pessoas depois das primeiras com os bens  
 Que o trabalho caçava, colhia, criava e fiava, eis que entre todos alguns faziam  
 circular os rituais do saber. E revelavam segredos  
 E apalavravam o conhecimento e davam, como a carne ou o pão, aos outros,  
 Para que a morte não viesse tão logo e os filhos fossem mais sábios  
 Do que os pais e os netos mais sábios do que os avós.  
 Vivendo juntos sempre alguma forma de comunidade,  
 experimentando o mundo  
 e tocando com os mesmos gestos o que viram antes  
 tocarem com outras mãos os homens do mundo antes de nós  
 aprenderam mais do que as lições que o mundo dá.  
 ao ser roçado com amor e fúria entre o corpo e o pensamento.  
 Aprenderam mais do que as lições que a vida abre aos olhos e oferece  
 - de todos, a melhor mestra – porque além da vida individual,  
 mas através dela, descobriram as lições vividas entre uns e outros  
 ao redor do calor dos corpos,  
 olhando com fome os dedos do artesão e as mãos do sábio  
 e murmurando baixinho dentro do espírito as palavras que ouviam ....  
 Isso, através do que a vida se multiplica e transforma a sua qualidade  
 ao olhar a vida de si mesma com o pensamento consciente  
 como a filha que aprendeu da mãe e ensina a mãe  
 Isso, que realizado vezes sem conta passa do gesto ao ensino,  
 do ensino ao saber e, partilhado, do saber à cultura.

### 3.

Tão grande como tudo o que é humano é a educação  
 Como o chão de terra do clã tribal, no mapa vivo dos sinais da aldeia,  
 dentro das canoas, no tabuleiro das primeiras rocas de inhame ou trigo  
 seguindo atrás os passos dos adultos nas trilhas dos matos,  
 olhando em silêncio a mãe fazer uma esteira de palha, vendo,  
 cúmplice de um instante feliz, o pai pescando o peixe.  
 Como terá sido que as meninas e os meninos das primeiras tribos  
 Das nações dos homens sabiam cantar as canções e dizer as preces  
 Às flores e aos deuses de seus mundos?  
 Como aprendiam todos com o tempo a desfiar  
 a tela infundável dos nomes e de tudo  
 E decifrar a equação complicada das categorias sociais de pessoas

Com quem era dado a cada um conviver: em seu tempo, a seu modo?  
 Como aprendiam as crianças desde cedo quem era quem entre os outros:  
 Para conviver, para evitar, para brincar, para respeitar, para caçar,  
 Para casar, para temer, para parir, para esperar, para ajudar a morrer?  
 E como é que os mistérios da tribo eram desigualmente guardados  
 Antes da escrita, na efêmera flor da memória do grupo  
 E de uma geração à outra, entre muitas, atravessavam o sono dos séculos?  
 Como se aprende a cantar com a mãe uma primeira canção de crianças  
 E com os velhos a pronunciar entre balbucios da prece  
 O nome amado e terrível dos seres sagrados? Raros nomes de amor e medo  
 Que os mitos imemoriais da aldeia inventaram entre verões e invernos  
 E os seus ritos dançados entre palmas à volta do fogo  
 Faziam tudo ser tão cheio de vida e de realidade?  
 Como será que do adulto ao menino  
 passou muitas vezes em tantas eras e lugares  
 O poder de invocar o artifício da magia, mãe da ciência e sua irmã?  
 Como foi que um outro ensinou a um outro  
 os outros nomes das mesmas coisas  
 E os dos espíritos da vida com que a imaginação de alunos e de mestres  
 Povoou por toda a parte um alfabeto sem fim de significados:  
 o fundo das águas e a escuridão das matas,  
 o espaço azul e sem formas, o sol e a lua, o mapa  
 Interior das árvores, a alma dos bichos, o caminho dos ventos errantes  
 E a mensagem do deserto?  
 Como um dia alguém fez uma arapuca e ensinou a alguém o que havia nela  
 E pela primeira vez a maldade do homem prendeu ali uma ave amarela?  
 E, multiplicado entre o bem e o mal o domínio do homem sobre o mundo  
 Transformou-se em poder e em sabedoria.  
 E nos ritos que tornam a mata um deserto  
 E depois frutificam o deserto e depois o destroem, e depois ...

Pois como quem de todas as coisas conhecidas sonha ser o senhor,  
 Mas tal como a criança, precisa a cada dia aprender de novo cada passo  
 Do caminho do conhecimento que habita ao mesmo tempo a  
 sua alma e o universo,  
 Eis que o homem leu e releu pelo fio do tempo afora as lições de conviver com o  
 outro e o mundo; com os outros de seu mundo e de outros;  
 Com os mundos de seus outros; com os outros de si mesmo;  
 com os mundos de si, outro.  
 E para então transformar ao mesmo tempo o mundo e a si mesmo  
 (pois já então Prometeu havia dado o fogo aos homens ...)  
 segundo as imagens dos sonhos que todas as noites tinham os magos,  
 entre momentos irmãos e opostos de ódio e amor fraterno  
 As pessoas da cultura aprenderam a criar e construir, a saber e repartir

como o sábio-operário os objetos de sue dia: o arco e o cesto, a prece e a rede,  
o arado e o fio da sementeira, os desenhos passados no rosto do morto,  
os colares e os braceletes das festas dos corpos de seus filhos.

E, assim, de muitos modos, cada um  
de acordo com a sua gramática dos ofícios  
entre todos, desiguais igualados, a tribo aprendeu a fazer circular  
de casa em casa os bens do fruto do trabalho,  
as pessoas e os símbolos dos nomes.

E de uma porta à outra entre todos deveriam passar os seres das trocas:  
peixes, pessoas e parábolas, em cada cultura,  
tudo ia até onde alcançava ir a educação  
Em meio a pessoas e saberes diferentes e iguais  
pois houve um tempo em que, em nada diversa  
de uma brincadeira entre primos  
ou de um momento de assistir juntos ao rápido passeio de uma estrela cadente  
ou ao trabalho rotineiro que três meses  
depois multiplica por cem uma semente,  
eis que a educação corria de mão em mão no bailar de qualquer gesto.  
E foi quando ela não tinha ainda sequer esse nome e os seus donos,  
porque então livre, solta da amarra de possuir senhores do saber e do sentido  
como as flores que todos colhem e carregam para a casa  
uma educação solidária amadurecia o fruto que o saber semeava.

#### 4

#### ***Foi quando então ...***

Aqui e ali, por toda a parte, quando cresceram os bens e os poderes  
Dos homens de antes de nós, e os frutos do trabalho de todos  
Multiplicou para alguns muitas vezes as cestas dos grãos de cereais  
Eis que houve a sobra não gasta na festa à volta do fogo  
E o poder de guardar o que não era mais de todos  
Transformou o uso e a troca solidária na posse e no intercâmbio interessado.  
Então, entre os homens da aldeia-cidade surgiram muros e soldados.  
Surgiu a moeda: o que se acumula nos porões dos palácios e não se come  
E as pessoas do mundo começaram a ensinar-e-aprender a pior lição.  
Foi quando uns foram donos do gado e coube a outros o dever de vigiá-lo,  
E empilharam uns os montes de trigo que faltava na mesa de outros,  
E muitos teciam em teares de lágrimas a roupa de poucos  
E sobre o chão dos primeiros mundos divididos entre os homens  
Tornaram-se uns os donos da terra, das beiras dos risos e dos riachos  
E foram donos das cidades e senhores das praças e do poder de dizer:  
“isto é meu, é o meu domínio!”  
E cada vez mais onde havia trilhas sem portas  
fizeram grandes portas fechadas

E onde todos eram livres e diferentemente iguais,  
 começou a reinar a desigualdade  
 E a maldição que torna uniforme a diferença  
 entre o servo quem era livre.

E então o saber que dava nome às imagens e fazia mitos dos sonhos  
 E era o fruto do trabalho sobre a terra e filho do espanto e da maravilha  
 Dividiu-se também entre os filhos dos homens, como a terra e os seus frutos.  
 E o que fora repartido entre todos: nomes, segredos, lembranças,  
 Aos poucos saiu da volta das fogueiras e do olhar dos primeiros magos  
 E escondeu-se também entre paredes protegidas por muros e guardas.  
 E foi quando como o grão roubado da mesa dos outros para o celeiro dos ricos,  
 Que uma parte poderosa do ofício do vôo de ensinar-e-aprender  
 Dividiu-se também sob as mãos alvas de senhores de sedas  
 Esquecidos, como os mestres de quem eram donos, como eles,  
 De segurar com o peso bom dos braços os dois varais do arado.

De quem são as estrelas?  
 De quem são as figuras que a alma dos homens faz dela?  
 De quem são os seus nomes: “Antares”, “Capela”, “Rigel”, “Betelguese”?  
 De quem é o saber que das estrelas e seus nomes fez deuses e lendas, heróis  
 Do destino e caminhos sobre os mares nas viagens a outras terras?  
 Em nome de quem? Do que? Os homens dividiram então o saber em saberes  
 E deram, a cada um, um caminho e um destino.  
 E deram a alguns o segredo de um poder  
 Diverso do que houvera antes entre diferentes, tornados agora desiguais?  
 Como é que foram separados por muros os próprios nomes das coisas da vida  
 E dado a uns o poder de dizê-los e aos outros não, e, em silêncio,  
 Tornarem-se servos onde houve senhores,  
 e colonizados onde há colonizadores?  
 E aqueles-que-não-sabem onde agora existem os senhores-do-saber  
 E os donos do trabalho e dos ofícios dos que conhecem e ensinam?

## 5

### ***Acaso esquecemos ...***

Acaso esquecemos, professores, essas lições da história?  
 Terão elas sido um mau momento do passado  
 ou estão à nossa volta, agora, aqui?  
 Olhamos em nós e ao redor de nós e vemos claros os seus despojos  
 Ou fizemos delas os mitos e os contos de fadas de nossas lições?  
 Por que então tudo foi como se uma canção fácil – uma dessas cantigas  
 Um dia surgidas no largo do centro da aldeia



sem que se saiba de quem ou quando  
 E que as pessoas, juntas, soubessem entoar  
 com vozes doces e flautas de madeira  
 E dançando lembranças cantassem as estórias de sua própria estória –  
 Fosse posta, escondida e guardada em templos e em palácios  
 Onde apenas sete iniciados vestidos de roupas brancas de linho,  
 Onde antes houveram setenta pastores com flautas  
 nos montes e vestes de peles,  
 E esses poucos, separados, soubessem tocá-la em flautas de ouro  
 E cantá-la em voz baixa para sete senhores, entre setecentos mil outros,  
 Deixados do lado de fora, separados por muros e silêncios de pedra.  
 Sete senhores de Tebas – e quantas houve!  
 E quantas há! – que fazem a festa  
 E pagam aos músicos depois de haverem separado o trigo da palha  
 E o saber do poder do saber do trabalho  
 E os hinos dos reis dos cantos dos escravos  
 E os instrumentos de ouro dos de madeira e couro  
 E aqueles que trajam as vestes brancas e livram a mão do arado  
 Dos que rasgam nas ferragens do arado as roupas de trapos.  
 Depois de haverem na trilha dos tempos colocado longe a multidão dos muitos  
 Do segredo bom das letras de músicas que ficaram difíceis  
 Sem nunca terem sido sábias, e das fórmulas tornadas as ciências  
 Daqueles que puderam de então em diante seguir aprendendo os nomes  
 Que nomeiam os segredos do mundo e o coração da vida.

## 6.

### ***Desigual, dividida, ela persiste***

Tão grande quanto tudo o que é humano é a educação.  
 e também tão corriqueira, tão estranha e tão terrível.  
 Depois de tantos anos ela está viva, como os homens, a história e as culturas  
 E não existe somente na escola e no sistema, mas na vida.  
 E depois de tanto, todas as teorias sobre ela, e os métodos e os artifícios  
 Não a tornaram e à sua pequena infinita trama de trocas entre as pessoas  
 Muito diferentes do que, múltipla, diversa, ela tem sido vida afora  
 Entre professores-e-alunos, mas de maneira igual, entre avós-e-netos.  
 Nada existe nela de eterno ou de absoluto e tudo muda e permanece  
 E nada nela foi a criação dos deuses que criaram flores e pintassilgos.  
 Nós, criaturas e criadores de prometeu, acendemos um dia o seu fogo,  
 Pois como tudo o que o homem precisou aprender para ser e criar  
 A educação é filha do trabalho e é, ela mesma, um trabalho dos homens.  
 Um trabalho em apenas alguma coisa mais difícil do que outros,  
 Porque ele é feito entre sons e sentidos sobre a matéria de seu próprio espírito  
 E lavra, semeia, cuida e colhe na terra de seu próprio corpo.

Ela existe apenas onde as mulheres e os homens se reúnem e compartilham:  
 Livres e iguais, à volta da fogueira, ou separados entre muros.  
 Por isso mesmo, quando por seu meio as pessoas transformam  
 As regras das trocas do trabalho e as leis da repartição de seus frutos,  
 Do mesmo modo a educação muda os seus nomes e troca de roupas  
 E varia de um sistema a outro o próprio trabalho de que é feita.  
 Apenas aqueles que pretenderam abrigar o educador  
 A ser menos humano do que os avós de um tempo antes, e não estar,  
 Como todos, entre todos, contaram ele, fechadas as portas, acesas as luzes  
 Que não são de fogo, que o seu trabalho é um ofício separado dos outros  
 E ele, sendo um sacerdote de vestes brancas, não pode ser um profeta.  
 Porque os que dizem que o seu ofício instrui o que se sabe  
 Esquecido de ensinar o que se cria com o outro e se aprende dele,

Esqueceram de contar que a mesma luz que clareia salas escurecidas  
 É um fogo vivo que, às vezes, incendia no meio da noite o coração e o mundo.  
 Pois entre ensinar-e-aprender as palavras trocadas geram as idéias.  
 As idéias trocadas não transformam o mundo.  
 As idéias transformam as pessoas  
 E as pessoas transformam o mundo.  
 As pessoas transformam o mundo!

Emissário da palavra, buscador do diálogo,  
 criador de mundos novos,  
 O educador não é um artesão parado num tempo.  
 Por causa de um ou sete sonhos que tem todos os dias  
 - e como ser um professor sem sonhar isto? –  
 ele não pode esquecer todos os dias as tarefas de seu tempo  
 e nada do que é humano, nele, em cada dia, lhe é indiferente.  
 Podemos parecer sermos hoje menos do que fomos ontem,  
 Pois salário injusto nos diz isto e há tantas máquinas à volta... tantas.  
 Mas eles sabem e nós que somos hoje mais indispensáveis do que nunca  
 Porque mais do que antes trata-se de salvar o homem de si mesmo  
 E por isso somos como pontes, mensageiros  
 do que foi lembrado, os educadores.  
 Se não somos senhores de nossa própria fala  
 E não reaprendemos de novo a inverter com a vida as lições da sala de aulas  
 Sabemos que é possível recriar com o outro as palavras perdidas  
 Dos que perderam a voz, mas não a memória da fala.  
 Entre todos e não apenas entre os escolhidos  
 O trabalho do educador serve ao reencontro do homem com a sua origem  
 E não somente por dever de ofício é urgente não esquecermos  
 Que se não tomarmos com eles entre as mãos o leme do navio da *educação*.  
 Outros o farão por nós e contra nós, e contra o horizonte

Da aurora dos tempos que hão de vir,  
porque, juntos, nós o faremos chegar.  
Pensar a rotina e o mistério de nosso trabalho como um ofício entre muitos.  
Ousar recriá-lo sempre e transformar com outros todas as suas esferas:  
A da sala de aulas, da escola, do sistema e do lugar do sistema.  
Imaginar que a *educação* existe menor e maior do que a escola  
E que, educadores, somos todos  
os que ainda temos o olhar dirigido ao infinito,  
Ao horizonte distante e possível de um mundo fraterno de homens livres  
Onde todos possam ser, desarmados, irmanados, alunos e sábios.  
Entre as pessoas do mundo, os homens do povo  
De quem, professores, somos mais e menos do que mestres,  
E muito mais do que meros mediadores de algum poder supremo  
Situado fora dele e de nós mesmos.  
Ao lado dos que não se esqueceram de serem portadores do futuro  
seus irmãos e companheiros de um mesmo longo caminhar.



## ***Verbetes do Dicionário Paulo Freire***

### ***Cultura***

“Somos seres naturais, mas naturalmente humanos”, terá escrito Marx em algum momento. E somos humanos porque, sendo seres da natureza, nós nos construímos como sujeitos sociais criadores de cultura. Tudo o que existe entre a pessoa, a pedagogia e a educação, constitui planos, conexões, fios e tramas do tecido complexo e sempre mutante de uma cultura. Somos humanos porque criamos cultura e continuamente as transformamos. E uma cultura, ou algumas, existem entre nós e em nós objetiva e subjetivamente. Elas estão em tudo aquilo que criamos ao socializar a natureza. Isto é, ao transformamos coisas do mundo natural em objetos do mundo cultural. Os animais se transformam organicamente para se adaptarem aos seus ambientes naturais. Nós os transformamos para adaptá-los a nós. E, no mesmo processo, nós nos transformamos pessoal e coletivamente a nós próprios, ao criarmos junto com os utensílios de que nos servimos para sobreviver, os símbolos, os saberes, os sentidos e os significados de que nos servimos para convivermos.

A distinção entre dois mundos: o da natureza e o da cultura. O papel ativo do homem em sua sociedade e com sua realidade. O sentido de mediação que tem a natureza para com as relações e comunicações dos homens. A cultura como agregação que o homem faz a um mundo que não foi construído por ele. A cultura como resultado de seu esforço criador e recriador.

Assim, vivemos e interagimos na e através da cultura objetivamente criada por nós. E somos subjetivamente a interiorização de práticas culturais do fazer, de regras do agir (as diferentes gramáticas sociais), de sistemas de significação da vida e do mundo em que vivemos (as ideologias, as teorias e os sistemas mais abrangentes de saber e sentido). Os movimentos de cultura popular trouxeram para o campo da educação, como conceito, idéia, valor e fundamento de ações sociais, inclusive pedagógicas, para o campo da educação. Dito de outro modo, ao lado de outras práticas sociais do pensar e do fazer, como as artes, as ciências, as filosofias, as tecnologias do agir e do cuidar (como a engenharia, a medicina, a culinária) eles situaram a educação no interior da cultura.

O Método Paulo Freire de alfabetização e educação de adultos realiza-se em sua geometria didática com pessoas ao redor de um círculo de cultura. E ele se inicia com um diálogo em que, através de sucessões de imagens sugestivas, os educandos se descobrem como seres do mundo da cultura. Um mundo criado por eles através do trabalho, da práxis. Um mundo que, portanto, uma vez dialogado, refletivo e criticamente repensado e passado da “consciência ingênua” à “consciência crítica”, deveria ser social e politicamente transformado. Como um dos principais pensadores dos movimentos de cultura

popular e da pedagogia crítica situada em uma proposta de educação. Paulo Freire foi sempre um defensor da idéia de que existe uma dimensão política na cultura e, portanto, na educação.

E isto em um sentido de mão-e-contra mão. Culturas são socialmente criadas, preservadas e transformadas em e como contextos políticos. Isto é, têm sempre a ver com a gestão do poder simbólico. Por isto seria possível falar em: “cultura dominante”, “cultura dominada”, “cultura alienada”, “cultura popular” (com um sentido para além do meramente “folclórico”. Do mesmo modo como seria possível qualificar politicamente a educação: “educação dominante”, “educação bancária”, “educação libertadora”. E, anos mais tarde: “educação popular”.

### ***Cultura Popular***

Nos primeiros anos da década dos sessenta uma ousada e renovadora proposta a respeito da cultura popular surge no Brasil e se difunde por toda a América Latina. Ela provem de pessoas, de grupos e de unidades de ação social envolvendo estudantes, educadores, artistas, agentes religiosos e militantes populares do campo e da cidade. A Cultura Popular (escrita neste sentido com maiúsculas) pretendeu ser um corpo de idéias e práticas questionadoras do estado atual da sociedade desigual e de suas culturas. Tal como está escrito em vários de seus primeiros documentos, a Cultura Popular apresenta-se como uma alternativa de vocação transformadora e mesmo revolucionária, sob a forma de uma ampla gama de ações culturais e também pedagógica de teor político.

Como uma decorrência desta nova proposta, bastante associada a projetos do que veio a ser mais tarde a educação popular, foram criados os primeiros movimentos de cultura popular, em várias regiões do Brasil. A maioria deles não subsistiu ao golpe militar de 1964, mas a relevância de suas idéias de origem permanece visível em várias experiências atuais de educação popular na América Latina.

Usando a mesma expressão corrente na Europa desde pelo menos o século XIX, a proposta dos Movimentos de Cultura Popular (MCPs) dos cinco primeiros anos da década dos anos sessenta subverte o seu significado original. E as palavras e idéias de Paulo Freire terão então um lugar essencial. A Cultura Popular deixa de ser um conceito científico herdado pelos cientistas sociais dos diferentes estudiosos das “tradições populares” para tornar-se a palavra-chave de um aberto e múltiplo projeto político de transformação social a partir das próprias culturas dos trabalhadores e outros atores sociais e populares.

Em suas origens, as ações dos MCPs pretendiam ir bem além de uma simples democratização da cultura ou de uma “ilustração” das camadas populares através de programas especiais de educação de adultos, de “arte para o povo” ou de desenvolvimento de comunidades.

Eis algumas idéias fundadoras de Paulo Freire a respeito da Cultura Popular e da dimensão educadora de uma ação política libertadora através da cultura.

O trabalho de transformar e significar o mundo é o mesmo que transforma e significa o homem. Ele é uma sempre inevitavelmente uma prática coletiva. É uma ação socialmente necessária e motivada. A própria sociedade dentro da qual se realiza como um ser humano é uma expressão de suas culturas, no sentido mais amplo que é possível atribuir a esta palavra. Assim também a consciência do homem, aquilo que permite a ele não apenas conhecer, como os animais, mas conhecer-se conhecendo, o que lhe faculta transcender simbolicamente o mundo da natureza de que é parte e sobre o qual age, é uma construção social que acompanha na história o trabalho humano de agir sobre o mundo e sobre si mesmo. A construção social da consciência realiza-se através do trabalho, que, por sua vez, resulta da possibilidade de comunicação entre as consciências, ao ser realizado coletivamente e ao ser coletivamente significado.

Assim, a própria consciência humana, produto do trabalho, é também construída no processo da história e, como um pensar coletivo sobre o mundo através do trabalho, é um pensar social na e sobre a história: produto e palco do trabalho e da cultura. As interações entre a pessoa humana e a natureza, e entre as pessoas umas com as outras mediatizadas pela natureza através da cultura, não são somente sociais. Elas são socialmente históricas, por uma dupla razão. Primeiro porque os seres humanos se constroem na história. Eles socializam a natureza e se socializam no interior de seu acontecer. Segundo porque seres humanos constroem a sua própria história. Ao transcender o mundo dado pela natureza e construir material e significativamente um mundo de cultura, o homem se afirma, por sua vez, como criador de suas próprias condições de existência e como sujeito da história

Criando e recriando, integrando-se às condições do seu contexto, respondendo a seus desafios, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo o da história e o da Cultura” .

Ser o sujeito da história e ser o agente criador da cultura não são adjetivos qualificadores do homem. São o seu substantivo. Mas não são igualmente a sua essência e, sim, um momento do seu próprio processo dialético de humanização. No espaço de tensão entre a necessidade - as suas limitações como ser da natureza) - e a liberdade - o seu poder de transcender ao mundo por atos conscientes de reflexão - o homem realiza um trabalho único que, criando o mundo de cultura e fazendo a história humana, cria a própria trajetória de humanização do homem.

Este trabalho coletivo existe no tempo. Existe ao longo de sucessões de tempos concretos e é, portanto, conjuntural. Existe determinado entre condições da natureza e condições da vida social, ambas parte do processo de história. Assim, a cultura que existe em princípio como o anúncio da liberdade do homem sobre o mundo, na prática histórica de sua produção pode existir

como contingência da perda da liberdade de homens concretos, no interior de mundos sociais determinados, sob o domínio de outros homens. Portanto, há condições estruturais de legitimidade da cultura.

Num mundo justo, inclusivo e igualitário as relações fundamentais de cultura e através da cultura traduzem o reconhecimento de sujeitos livres e igualmente produtores e beneficiários da totalidade da cultura que emerge à história através de um trabalho que afirma, na história, a liberdade, ao negar a possibilidade de domínio de umas pessoas sobre as outras.

No processo real da história humana o reconhecimento entre as consciências é sistematicamente negado. A dialética das relações entre o homem e a natureza através da criação coletiva da cultura estabelece a dominação de categorias de alguns sujeitos e grupos sociais sobre outros. A cultura que deriva da desigualdade de condições humanas de produção de bens, poderes e símbolos de compreensão da vida social, é socialmente dividida e reflete relações antagônicas entre grupos no interior da sociedade.

A oposição de culturas não é resultante de processos derivados da própria natureza do homem, nem tampouco é uma condição do modo como o homem se relaciona com seu mundo. É um fato histórico que nega a possibilidade de que a História se realize como afirmação da igualdade e liberdade entre todos os homens.

A oposição estrutural entre modos sociais de participação na cultura é o que explica a cultura popular. No contexto das sociedades latino-americanas, por exemplo, esta é uma das faces da relação negada de universalização da cultura, e torna mais do que visíveis a posição subalterna de saberes, valores e símbolos de sujeitos e grupos étnicos e sociais dominados no processo da história. Assim, as culturas dos dominados são, ao mesmo tempo, a cultura imposta às classes populares, e as culturas que elas criam, de acordo com a forma como participam na vida social em todas as suas dimensões.

Frente a uma cultura dominante, a cultura popular é subalterna. Entretanto tanto a primeira quanto a segunda são igualmente alienadas, no sentido de que não são capazes de afirmar e expressar relações universais e solidárias de reconhecimento entre os homens. A cultura constitui-se então, como um instrumento de dominação entre sujeitos e grupos humanos.

Assim, em uma sociedade desigual, regida pela desigualdade em todos os setores da vida social, das relações de produção de bens materiais às relações simbólicas de criação e comunicação de significados e valores, as culturas das pessoas, grupos e classes subalternas são elas próprias, regidas por uma autonomia muito restrita.

Sob o poder simbólico de uma cultura dominante, a cultura que o povo cria, através do que lhe é culturalmente imposto e com o que ele consegue representar de seu - traduz a sua condição servil de objeto-para--outro. Como uma cultura dominada e alienada, ela não expressa para os subalternos a realidade social através dos valores de uma ideologia autônoma de classe. Ela é uma cultura do povo, sem chegar a ser uma cultura para o povo.

Ao lado do controle diretamente político (não raro policial e militar) com que as diversas instituições do poder exercem o domínio concreto da vida, existe um controle direto exercido pela cultura dominante sobre a cultura dominada. De muitos modos e através de muitos artifícios de comunicação e de inculcação de idéias, realiza-se um trabalho contínuo de bloqueio e cooptação de todas as “manifestações populares” que possam vir a expressar a sua condição de classe e um horizonte histórico popular. O domínio da cultura predominantemente erudita sobre a popular é ativo. Ele mobiliza recursos, canais, meios, pessoas especializadas, grupos de controle, de propaganda, de educação. Ele reproduz e inventa técnicas, inova, amplia e testa a sua estratégia. Ele absorve, esvazia e retraduz, invadindo domínios e formas de expressão cultural do povo.

Dentro de um tal tipo de estrutura de trocas no interior da ordem de relações desiguais entre os homens, os agentes culturais populares mesclam elementos de sua própria cultura (aquilo que reflete para ele a continuidade de seu modo de vida, revelando-ocultando a sua condição de classe) com fragmentos da cultura dominante que a todo momento invadem os espaços populares da sociedade.

Conseqüentemente, todos os diferentes setores das classes populares reproduzem, como sendo sua, uma cultura “culturalmente” mesclada (fora do eixo da identidade das classes populares), politicamente dominada (fora do eixo do poder) e simbolicamente alienada (fora do eixo da consciência). Dentro desta situação, não sendo conscientizado pela sua própria cultura, o povo não poderá sê-lo por outro qualquer meio usual na conjuntura de dominação. E, no entanto, somente a partir da ação conscientizada e organizada das classes populares é legítimo imaginar a possibilidade de um projeto de libertação de todas as esferas de domínio na sociedade de classes.

Vejamos como as idéias mais decisivas dos MCPs dos anos 60, no Brasil, poderiam ser ampliadas, mesmo que por um momento corramos o risco de nos afastar do pensamento de seus documentos originais.

Em uma sociedade igualitária e regida por princípios de justiça e fraternidade, a diferença entre culturas é um bem. A sua pluralidade correspondente à presença de diversos grupos étnicos e mesmo nacionais, à diversidade de suas regiões e à associação entre tudo isto e a variedade de vocações e estilos de vida e de representação da experiência particular de um grupo ou povo no curso da realização de sua vida, é desejável. É mesmo um dos indicadores mais fiéis de um estado cultural de liberdade de criação, a partir de diferenças culturais negadoras de diversidades sociais. É em nome disto que se defende na América Latina o direito a que todos os povos indígenas mantenham a plenitude de suas próprias experiências culturais em todos os seus planos, da língua à religião, o que desautoriza qualquer tipo de prática cultural homogeneizadora, mesmo quando em nome de sua “integração à comunidade nacional”, mesmo quando em nome da produção de uma “genuína cultura nacional”.



Outra coisa é a desigualdade cultural decorrente de estruturas e processos de imposição de valores, de negação do direito à expressão cultural de povos, de grupos e de etnias minoritários ou dominados social e culturalmente. Na sociedade desigual uma posição estrutural entre formas sociais de participação na criação, na partilha e no consumo da cultura é o que explica a própria cultura popular. Uma cultura popular “alienada” (o termo era bastante comum na época) é negadora de uma vocação de direitos humanos em um duplo sentido. Primeiro, ela resulta de uma imposição de conhecimentos, valores e códigos de relacionamentos interpessoais de classes e grupos hegemônicos sobre outros, traduzindo a própria relação social de desigualdade, e também o poder de uma classe em impor a outras e a outros grupos de seu meio, visões de mundo e expressões de identidade que não são criações suas e não expressam a sua própria experiência no mundo; segundo, mesmo uma boa parte daquilo que se pode considerar como criação cultural popular, aquilo que os sujeitos subalternos conseguem criar através de suas próprias experiências no mundo, reflete a sua condição subordinada. É seu, mas não traduz a sua liberdade. É “próprio”, mas não reflete a integridade de sua experiência, pois ela é privada de autonomia.

Os Movimentos de Cultura Popular denunciam a intenção de controle político que se oculta sob as vestes das propostas “oficiais” de trabalho social “com o povo”, e anunciam uma alternativa de efeito político através da ação social. Tais experiências subordinam a idéia de “desenvolvimento” à de “história” e pensam a história como o lugar cujo horizonte é a “libertação”. Substituem “comunidade” por “classe”, “organização” por “mobilização”, “participação” subalterna no “desenvolvimento” por “direção popular” do “processo da história”, “mudança de atitudes” por “conscientização”, “educação fundamental” por “educação libertadora”, “desenvolvimento de comunidade” por “cultura popular”.

Paulo Freire revela a existência de uma invasão cultural erudito/dominante sobre a cultura popular na sociedade erigida sobre a desigualdade e sustentada pela oposição entre classes sociais. Em direção oposta, um projeto de ruptura social da desigualdade, da injustiça e da marginalização de pessoas e comunidades populares, deveria possuir uma dimensão uma inevitável dimensão propriamente cultural. Este é o momento em que as propostas de Cultura Popular propõem uma inversão no que então se pensava como sendo “o processo da cultura”. E nela reside boa parte da contribuição de intelectuais militantes “comprometidos com o povo”, no interior do próprio projeto popular de sua emancipação.

Colocar no campo social dos enfrentamentos a questão da cultura no processo da história, e realizar a crítica histórica da cultura não representa uma descoberta dos movimentos de cultura popular. Mas tomar tal crítica como um ponto de partida e propor um trabalho coletivo como história através da cultura, foi uma idéia nova de um tipo de prática até então não plenamente realizada no Brasil.

A construção da história da reconquista da conciliação entre os homens, e da liberdade do homem, não dispensa um trabalho político no domínio da cultura. Ao contrário, ao lado de iniciativas de organização e participação de atores populares em um plano mais diretamente político, há todo um amplo trabalho popular a ser realizado sobre a cultura e através da cultura. Assim como um momento da história pode ser o da tomada do poder por grupos opressores que sujeitam os processos sociais de construção da cultura aos seus interesses, um outro momento pode ser o da conquista do poder que recupere não apenas para o povo, mas para todos os homens, através de sua ação libertadora, as dimensões perdidas das relações humanas do trabalho e da cultura.

Segundo Paulo Freire, há um espaço concreto de luta política que se realiza no domínio da cultura. Uma luta popular que agindo através da própria cultura participa da criação de sua própria liberdade. A cultura alienada é o solo onde floresce no oprimido a consciência alienada. Esta consciência é o nevoeiro que impede ver a dominação tal como ela existe. Que o impede de compreender sob que condições existe e, portanto, aprisiona uma ação política contra ela, tal como seria necessário e correto fazê-la.

Portanto, a Cultura Popular compreende-se como a prática de uma relação de compromissos entre movimentos de cultura popular e movimentos populares através da cultura. Define-se como o projeto de realização coletiva dessa prática, através daquilo que deve ser construído no e como a dimensão propriamente educativa da Cultura Popular.

### ***Círculo de Cultura***

O círculo é o símbolo mais adequado à lembrança das experiências de cultura e de educação popular realizados no Brasil e na América Latina a partir dos anos sessenta. Vindas seja da psicoterapia, seja de trabalhos com comunidades, aqueles são anos da descoberta de diferentes modalidades de vida, de aprendizagem, de trabalho e de ação social vividas entre o círculo e a equipe.

Entre o final dos anos cinquenta e o começo dos anos sessenta surgem em várias frentes e difundem-se por todo o mundo diferentes experiências de “trabalhos com grupos”, de “educação centrada no aluno”, de projetos de pesquisa e de ação social” com um forte acento sobre a participação consciente, co-responsável e ativamente voluntária. Assumindo as mais diversas formas e servindo a projetos sociopolíticos e culturais diferentes, essas experiências guardam em comum um desejo de dissolução dos modelos hierarquizados antecedentes e de democratização da palavra, da ação e da gestão coletivizada e consensual do poder.

Vários movimentos de cultura popular retomam procedimentos de dinâmica de grupos. Juntamente com uma crítica ética, e, sobretudo, política

daquilo a que Paulo Freire deu o nome de educação bancária, por oposição a uma educação libertadora, surgem e se difundem práticas de ensinar-e-aprender fundadas na horizontalidade das interações pedagógicas, no diálogo e na vivência da aprendizagem como um processo ativo e partilhado de construção do saber. Alguns procedimentos grupais são então largamente empregados nas mais diferentes situações de formação de quadros de agentes populares, e de educação popular. O trabalho em equipe, o diálogo como criação de consensos entre iguais e diferentes e o círculo de cultura não criações de Paulo Freire, dos movimentos de cultura popular e nem de outros grupos semelhantes da década dos sessenta. Mas foi nesta época e associados a experiências de Cultura Popular que eles se difundiram e se tornaram uma nova forma e norma de trabalho coletivo.

O círculo de cultura traz para o campo de uma educação popular de vocação transformadora de pessoas e de sociedades, algo das iniciativas práticas grupais de uso comunitário, escolar ou pedagógico. A partir da crítica formulada por Paulo Freire a respeito do que ele denominou de “educação bancária”, o círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de um “roda de pessoa” em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. O professor que sabe e ensina quem não-sabe e aprende, aparece como o monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõe construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende. Era ponto de partida a idéia de que apenas através de uma pedagogia centrada na igualdade de participações livres e autônomas seria possível formar sujeitos igualmente autônomos, críticos, criativos e consciente e solidariamente dispostos a três eixos de transformações: a de si-mesmo como uma pessoa entre outras; a das relações interativas em e entre grupos de pessoas empenhadas em uma ação social de cunho emancipadoramente político; a das estruturas da vida social.

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto que aprender é aprender a “dizer a sua palavra”. Desta maneira podem ser sintetizados os fundamentos dos círculos de cultura.

1. Cada pessoa é uma fonte original e única de uma forma própria de saber, e qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor em si por representar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha na vida social.

2. Assim também cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou de várias comunidades sociais. Cada cultura só se explica de seu interior para fora e os seus componentes “vividos-e-pensados” devem ser o fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social.

3. Ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho, embora pessoas possam aprender e se instruir em algo por conta própria. As pessoas, como seres humanos, educam-se umas as outras e mutuamente se ensinam-e-aprendem, através de um diálogo mediatizado por mundos de vivência e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades diferentes, mas nunca desiguais.

4. Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: “ser alfabetizado”, “ser educado”) significa algo mais do que apenas aprender a ler palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais. Significa aprender a ler crítica e criativamente “o seu próprio mundo”. Significa aprender, a partir de um processo dialógico em que importa mais o próprio acontecer partilhado e participativo do processo do que os conteúdos com que se trabalha, a tomar consciência de si-mesmo (quem de fato e de verdade sou eu? Qual o valor de ser-quem-sou?); tomar consciência do outro (quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? Em que situações e posições nós nos relacionamos? e o eu isto significa?); e tomar consciência do mundo (o que é o mundo em que vivo? Como ele foi e segue sendo socialmente construído para haver-se tornado assim como é agora? O que nós podemos e devemos fazer para transformá-lo).

Ora, a realização destas propostas educativas, culturais e políticas encontraram no círculo de cultura a sua mais conhecida realização. Anos mais tarde a tradição consolidada dos círculos de cultura foi bastante diferenciada e estendida às mais diversas situações educativas, dentro e fora das escolas, dentro e fora das salas de aulas. A sua forma de funcionamento está descrita no verbete do Método Paulo Freire.



## ***Carta às crianças e outras pessoas indígenas da Bahia e do Espírito Santo***

Faz alguns dias completei 81 anos. São muitos anos. São 8 décadas, cada uma delas com 10 anos. São muitas cartas-de-vida vividas entre tantas gentes de tantos lugares.

E desde criança sempre gostei de escrever cartas. Primeiro, cartas-de-menino, escritas a mão a lápis ou com caneta. Foram muitas ao longo da minha vida. Foram milhares. Depois, quando eu aprendi uma coisa muito especial, que naqueles tempos era chamado de “datilografia”, e quando ganhei de meu pai, aos 15 anos, uma “máquina de escrever”, comecei a escrever cartas também com a “minha máquina.

Hoje escrevo usando um computador. As letras e as palavras aparecem em uma tela. É muito prático e eficiente. Escrevi muitas e muitas cartas. E escrevo muitas ainda.

E agora estou vivendo uma grande alegria! Saber que vocês, meninas e meninos indígenas escreveram cartas. E elas foram reunidas e viraram um lindo livro.

Penso que todas e todos nós poderemos ter esperança no nosso presente e no futuro. Saber que agora crianças e jovens indígenas escrevem cartas. E escrevem cartas cheias de vida, de amor e de esperança!

Vocês escrevem aquilo que muita gente adulta neste País e no Mundo esqueceu de viver, de pensar e de escrever.

Faz muito tempo que eu acredito com todas as forças que chegou mesmo o tempo de algumas coisas começarem a mudar. E uma das maneiras de se começar a mudar o Brasil e o Mundo, é as pessoas aprenderem de novo a primeiro escutar e ler o que outras pessoas disseram e escreveram, para depois falar e escrever.

Chegou a hora de os homens calarem e ouvirem as mulheres.

A hora dos adultos calarem e ouvirem as crianças e os jovens.

É tempo de os brancos calarem e escutarem os negros e os índios.

É tempo de os ricos se calarem e ouvirem o clamor dos pobres.

É hora de os mestres se calarem e aprender com a voz de quem aprende.

E depois de tudo, então, chegou o momento de através das crianças como vocês, nós todas e todos começarmos a nos calar para ouvir a voz da Vida e de todos os Seres da Vida. Faz tanto tempo que essas vozes querem nos falar. Que esses seres nos escrevem as suas cartas, as suas mensagens.

Mas como elas não são escritas no papel ou na tela do computador, ainda não aprendemos a ouvir essas vozes da Vida e a aprender com elas.

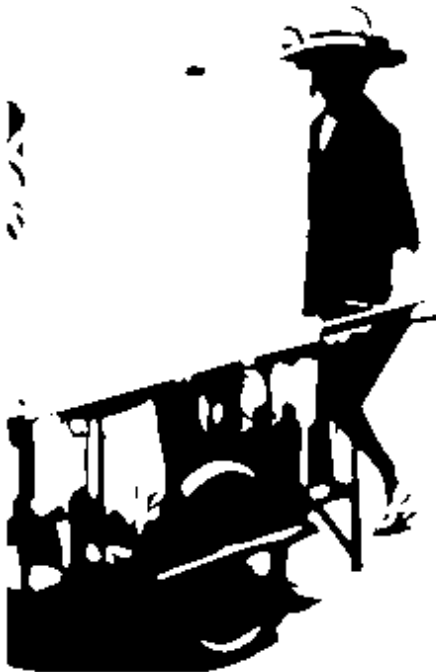
Chegou a hora de agente calar um pouco e ouvir a voz e ver as cartas do Sol e das Estrelas, a voz da Noite e a voz do Dia. E as cartas da Chuva, do Vento e das Estrelas. As mensagens do Mar, dos Rios, das Montanhas e das Florestas. E as cartas e palavras que estão no canto dos Passarinhos, nas cores da Borboleta, na

Onça, na Capivara. Em tudo o que vive, como as Árvores do Mundo e até nas Plantas que semeamos nas hortas e nos pomares, para delas nos alimentarmos.

Vocês crianças do mundo indígena, eu penso que serão as gentes que antes de nós já sabem, ou estão aprendendo a ouvir a Voz da Vida e a ler a Carta do Mundo. Então agora chegou o tempo de vocês escreverem novas cartas a todas as pessoas adultas do Mundo, ensinando a elas o que aprenderam. E o que todas e todos nós devemos saber fazer para recriar a Vida no Mundo.

Um abraço do amigo de vocês, que de tão velhinho que ficou, parece que voltou a ser criança,

*Carlos Brandão*



***Somos todos aprendizes  
Estamos sempre aprendendo***

*Pergunta aos doutores  
se não te basta o vento  
Pablo Neruda*

É no voar de uma ave  
que eu vejo o vento.  
E quando paro um momento  
para ver na ave o vento...  
eu aprendo.

Aprendermos sempre  
quanto atentos à vida  
e abertos ao outro  
deixamos fluir em nós e entre-nós  
os milagres que nos fazem humanos:  
o saber  
o aprender a saber  
e o dialogar para saber aprender.

Tudo o que é vivo aprende  
e cada ser é o seu saber vivido,  
entre a borboleta e o ser humano  
como uma aventura da vida  
aprendida para ser parte da vida  
partilhada, vivida.

Todos os seres da vida sabem  
o que precisam saber  
para viverem as suas vidas  
no lugar do mundo e da vida  
onde aprenderam a saber viver.

Porém em nos, os seres humanos,  
a experiência do saber a ser  
tornou-se um saber de consciência.  
E é através de nós,  
os filhos da poeira das estrelas,  
que as estrelas se pensam como estrelas.

Todo o saber que vale a pena ser sabido  
é fruto de algum gesto de diálogo:  
quando eu me falo e me escuto.  
E ainda mais, quando eu e um outro  
nos ouvimos e nos falamos entre iguais.  
E mais, mais ainda, ainda mais;,  
quando nós dois juntos nos calamos  
e ouvimos em silêncio o fluir do saber da vida.

A informação é o que eu adquiero sozinho  
para ser um... competente.  
O conhecimento salta para além dela  
e me obriga ao esforço de pensar para aprender.  
Mas para além do conhecimento  
e muito além da informação. existe o saber<sup>3</sup>.  
E ele é o que flui entre as pessoas  
e não existe como posse, mas com a partilha.  
\pois "compreender é pertencer ao círculo  
do que é compreendido<sup>4</sup>".  
E o saber, como um dom partilhado  
entre as pessoas que sabem  
não pertence a qualquer uma  
e somente existe enquanto flui,  
como a própria vida que pulsa em mim  
como um dom, sem ser minha, como posse.

Saber partilhar o saber não faz o sábio,  
mas permite que nós, sempre aprendizes  
sempre aprendentes, sempre nos ensinando-e-aprendendo  
façamos parte do círculo daqueles que com amor  
buscam - para servir aos outros - a sabedoria.

---

3 Bernard Charlot

4 Martin Heidegger



## ***Paulo Freire, esse incrível!***

O que é que o professor Paulo Freire  
lá no Nordeste, entre Angicos e o Recife  
começou a desfazer pra inventar e refazer  
pra quem chagasse perto e a ele ouvisse?  
Ele transformou em redondo o que é quadrado  
e desenquadrou o que era antes enquadrado.  
Ensinou a pensar e viver o ser lá onde havia o ter  
a dialogar o seu saber com a própria cabeça  
e a aprender-a-aprender como quem ensina  
e a ensinar aprendendo o seu com-saber.

Ele fez virar um círculo o que era uma sala,  
e disse do professor que falava-sem-ouvir  
que ele fosse o educador que escuta e depois... fala.

Ele imaginou como um “nós” o que antes era o "eu",  
e pensou como "nosso" o que era antes “só o meu”.  
E sendo do povo um igual, um parceiro e um amigo,  
e sofrendo junto a ele a opressão e a injustiça  
com que vive a gente pobre e sofredora  
ele inventou a “Pedagogia do Oprimido”  
e criou uma “Educação Libertadora”.

Paulo sonhou como partilha o que era posse  
E imaginou como um dom o que era o lucro.  
Trocou o "bancário" pelo “emancipador”  
Em lugar da competência ensinava a consciência  
e soletrou "es-pe-ran-ça", no lugar da "dor".

Ele pensou o "vamos juntas" onde havia o "só você"  
e o eu-com-você contra o você-sobre-o-eu.  
Pensou “educação” onde havia “instrução”  
Quando o valor do ensinar ele inverteu  
ao propor a palavra-compartida do diálogo  
onde antes havia o silêncio e o monólogo.

Ele trocou o já-feito pelo se-fazendo.  
Do "inacabado" ele pensou o "aprendizado",  
e do sermos-imperfeitos o aperfeiçoável  
de quem sempre pode-ser-além-do-que-já-foi.  
E pra quem não crê no que nós podemos ser  
e no que juntas e juntos nós podemos fazer  
se soubermos viver entre a luta e o sonhável  
a criar com as mãos uma nova primavera,  
Paulo Freire anunciou e gritou para o mundo  
o transformar em esperança o que era espera  
e a criar com os outros o "inédito viável" \*.

\* *Apenas como um lembrete: “**inédito viável**” pode não ter sido uma invenção de Paulo Freire. Mas foi uma esperançosa expressão que ele adotou ao longo da vida e tornou quase o seu lema de vida. Do inesperado, do impensável pode surgir sempre o esperado e desejado, o viável, ineditamente transformando a espera em esperança, e esperança em saber e luta, e a luta do oprimido em sua própria libertação.*



